OLHOS DA RUA

requalificação viária
através da óptica
feminista

Universidade Anhembi Morumbi

Arquitetura e Urbanismo - Trabalho Final de Graduação

olhos da rua:

REQUALIFICAÇÃO VIÁRIA ATRAVÉS DA ÓPTICA FEMINISTA

Paolla Karrara Oliveira e Silva
Orientador: Geraldo José Calmon de Moura
São Paulo, Junho de 2023

Feminista é todo e qualquer indivíduo que encare de frente a existência dessa disparidade e que entenda que todos são capazes de resolvê-la em conjunto.

NOGZI, 2015

agradecimentos

Agradeço a oportunidade de poder fazer escolhas não feitas pelas mulheres que vieram antes de mim.

Essa dissertação carrega a vontade de todas que abriram mão de seus desejos e pretensões para que eu pudesse traçar meu caminho, usufruindo e buscando a liberdade que lhes foi negada.

resumo

A seguinte pesquisa tem como objetivo a discussão sobre a desigualdade de gênero e o seu impacto no desenho urbano, partindo do princípio de que dinâmicas sociais estão presentes na expressão gráfica e física das cidades. Dessa maneira, o desenho urbano pode ser entendido como uma ferramenta de transformação social, quando combinado a uma leitura territorial sob a óptica feminina, uma vez que a mulher é o alvo da exclusão .

Palavras-chave: Desigualdade de gênero, Planejamento urbano, Cidade democrática, Espaço público, Ruas.

sumário

INTRODUÇÃO

1- O FEMINISMO É PARA TODES **2**

1.1. Feminista 3

1.2. Feminismo Clássico: A mulher como “o outro” 6

1.3 Feminismo Plural: Inclusão e Interseccionalidade do movimento 10

2 - PLANEJAMENTO DO ESPAÇO URBANO- CIDADES DEMOCRÁTICAS **21**

2.1. A dominância da figura masculina no planejamento urbano 22

2.2. Compreensão da desigualdade de gênero refletida nas cidades 25

2.3 O desenho urbano como transformador estrutural 28

3 – OUTRO OLHAR SOBRE A RUA **31**

3.1. Estudo de caso: Superquadra Poblenou, Barcelona, 2017 32

3.2 Manual Mulheres Caminhantes, Brasil, 2018 41

4- LEITURA TERRITORIAL **44**

4.1 Local 45

4.2 Leitura urbanística do território, com foco na problemática de gênero 47

4.3 Síntese 63

5 – A RUA TAMBÉM É SUA **65**

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS **84**

7- REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA **85**

introdução

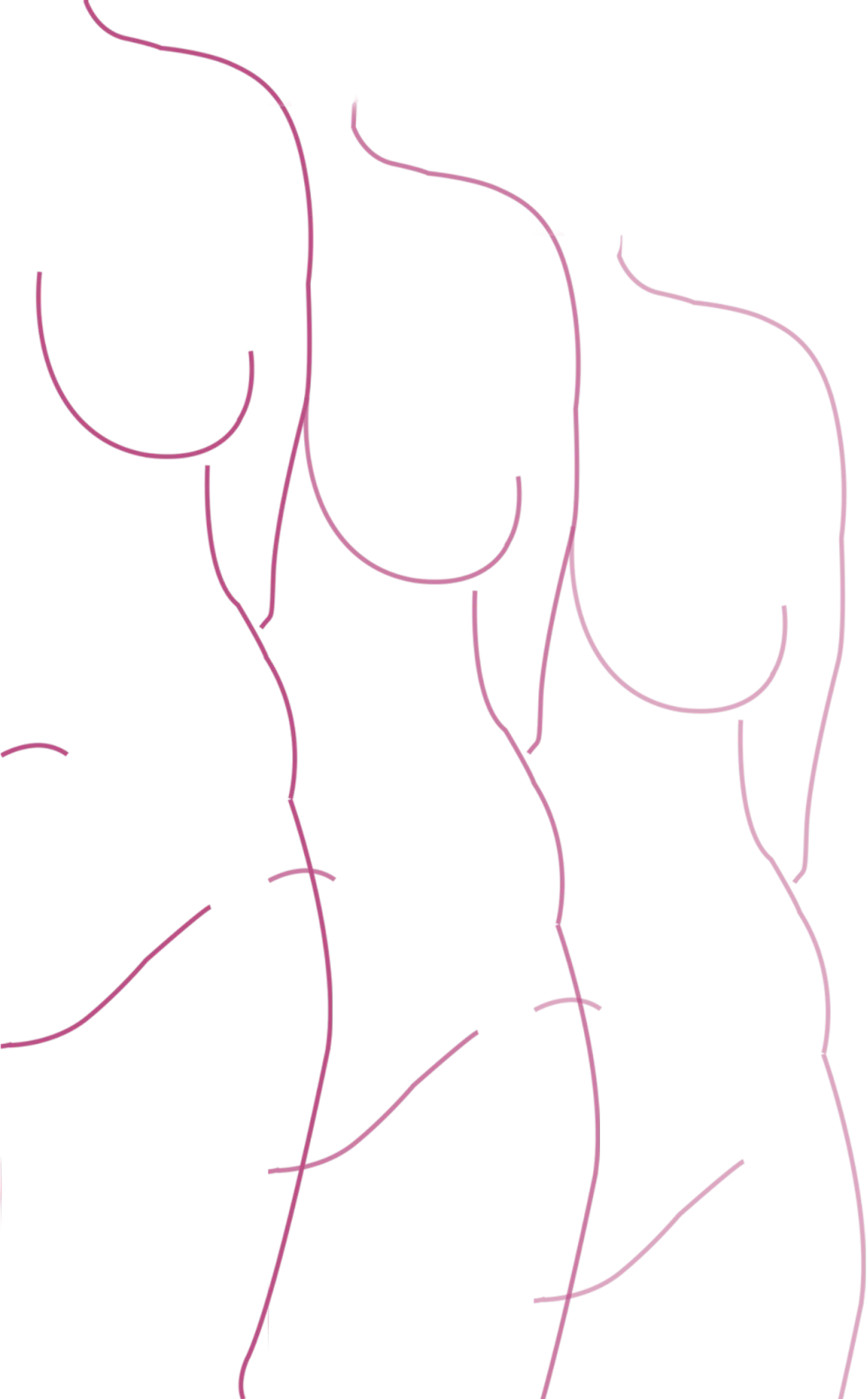
A partir do momento em que a desigualdade de gênero é vista como uma fato, compreende-se que a visão da mulher sobre a vida em sociedade é restrita em diversos aspectos,

O sistema patriarcal não enxerga a mulher como um ser que participa ativamente da cidade, mas sim como um corpo que carrega obrigações de caráter servil e doméstico.

Sendo assim, com os desdobramentos da Revolução Industrial, o papel social da mulher se iguala ao do homem, como mão de obra, a necessidade da luta por direitos igualitários se faz pressente e surge o movimento feminista.

O feminismo entende que as mulheres lidam de frente não só com a divisão sexual do espaço, mas também com empecilhos físicos advindos do desenho urbano, que as afastam e excluem das cidades.

Este trabalho surge como um ponto inicial de discussão sobre a desigualdade de gênero e o planejamento urbano, visando possíveis soluções para a inclusão das mulheres nas cidades e por consequência a inclusão de todos, compreendendo as variáveis que tornam o feminismo, cada vez mais dinâmico, como : raça, orientação sexual, classe social, condição física e etc.



01

O FEMINISMO É PARA TODES[1]

1.1 feminista

O termo ‘Feminista’ nunca foi tão discutido pela sociedade, quanto nos últimos tempos. A palavra é caracterizada como extensão do termo ‘Feminismo’, que por definição é um movimento social que luta pela equidade de gênero. Se definir como uma pessoa feminista, geralmente atribui a pessoa características estabelecidas por um pré-julgamento equivocado advindo de informações pouco esclarecidas e disseminadas pela sociedade.

Chimamanda Nogzi traz em seu livro “Sejamos Todos Feministas” (2015), experiências diversas que retratam como a desigualdade de gênero afetou dentro da Nigéria em diversas fases de sua vida, que podem ser equivalentes com experiências de inúmeras mulheres ao redor do mundo. Em um desses depoimentos contidos no livro, a autora reforça a ideia de que o movimento feminista é banalizado e propagado de forma distorcida.

[1] De acordo com ROCHA, COELHO e FERNANDES “‘Tod@s’, ‘Todes’ e ‘Todxs’, é uma tentativa de neolinguagem de gêneros gramaticais que seja inclusiva para/com as mulheres, as pessoas não binarias e as pessoas T entre gêneros. O uso de pronomes e adjetivos neutros vem se construindo numa linguagem não sexista, não machista, não misógina e não transfóbica”.

> “Você é feminista!” Não era um elogio. Percebi pelo tom da voz dele — era como se dissesse: “Você apoia o terrorismo!”. Não sabia o que a palavra “feminista” significava. E não queria que Okoloma soubesse que eu não sabia. Então disfarcei e continuei argumentando.” (NOGZI, 2015, p.8)

Dentro dessa narrativa, fica claro o fato de que para alguns, ser feminista te limita a ser alguém “Infeliz, que odeia homens, que não expressa feminilidade e trata de forma agressiva pessoas que não compactuam com as ideias do feminismo”, quando na verdade, o real significado dado pelo dicionário, define feminista a pessoa que acredita na igualdade social, política e econômica entre os sexos (NOGZI, 2015, p.12).

Ao longo da história, força física foi requisito exigido para sobrevivência da espécie humana e pessoas de gênero masculino, biologicamente possuem esse atributo, mesmo com a existência de exceções. Isso atribuiu aos homens posições e papeis sociais de poder, a mais de mil anos atrás, mas isso se reverbera de forma excludente e negativa dentro da vida das mulheres até os dias atuais (NOGZI,2015, p.20)

Aquele que detém influência dentro da sociedade atual, não é o indivíduo com maior força braçal, com habilidades de caça e velocidade, mas sim o mais capacitado, criativo e inovador. Não existem condicionantes biológicas que configurem essas qualidades a um ser humano, isso significa que homens e mulheres 'em tese' são capazes dos mesmos feitos a partir do fim da pré-história (NOGZI, 2015, p. 21).'Em tese' pelo fato de que mesmo no século XXI, mulheres continuam sendo vistas como inferiores.

Isso configura a necessidade da união de pessoas que conseguem compreender de forma analítica e empática, que algo deve ser feito para que todes tenham os mesmos direitos em viver de forma coletiva. Sendo assim, feminista é todo e qualquer indivíduo que encare de frente a existência dessa disparidade e que entenda que todes são capazes de resolvê-lo em conjunto. (NOGZI, 2015, p. 59).

FEMINISMO CLÁSSICO

FEMINISMO NEGRO NORTE AMERICANO

FEMINISMO NIGERIANO

FEMINISMO AFRO LATINO AMERICANO

FEMINISMO INTERSECCIONAL

1.2 feminismo clássico: a mulher vista como o "Outro"

Entender o porquê as mulheres estão em uma posição de submissão e de inferioridade com relação aos homens, exige discussão, estudo e principalmente consciência. Partindo disso, Simone de Beauvoir foi extremamente necessária ao propor a reflexão sobre esse assunto em 1949, em seu livro "O Segundo Sexo, Volume I e Volume II" expõe seus pensamentos sobre a desigualdade de gênero através de análise biológica, histórica e psíquica da situação.O panorama sobre essa questão se desenvolve a fim de mostrar que nenhuma das justificativas dadas a posição que a mulher ocupa na sociedade, justifica de fato essa dinâmica social de exclusão que acontece com outros grupos identitários: judeus, negros, indígenas e até mesmo o proletariado. Todos possuem em comum um passado histórico, fatos e acontecimentos que acabam por justificar essa união em prol de seus direitos e sobretudo acabar com a opressão exercida por seus opressores (BEAUVOIR,1970, Volume I p. 11)

No caso das mulheres, a subordinação e dependência não estão diretamente ligados a um evento histórico e seus desdobramentos ou hierarquias estabelecidas a fim de formar minorias, essa distinção existe por conta do não reconhecimento da mulher como um ser humano equivalente ao homem. Alteridade é um conceito que se enquadra perfeitamente nessa questão, entender que a mulher foi e é tratada como “O Outro” tem a consequência da admissão de um sujeito, aquele que é o principal, o homem (BEAUVOIR,1949, Volume I p. 13). O cenário de grupos sociais listados anteriormente, também se enquadram nesse contexto de alteridade,

A diferença acontece quando em um certo momento da trajetória dessas lutas ideológicas, o grupo oprimido se identifica como merecedor de ser o Sujeito. Na condição da mulher, a percepção não se dá de forma instintiva, é necessário o reconhecimento do problema. A citação a seguir deixa claro a apresentação do cerne dessa questão:

> “Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito.” (Beauvoir, 1970, Volume I p.13)

Essa condição de permanecer como ‘O Outro’ sem ao menos se questionar, é resultado da dominação masculina em bases importantes como: a economia, política e a instituição social patriarcal com maior peso, a família. Quando uma mulher se recusa a ocupar esse lugar de Outro, ela deixa de lado sua participação passiva e mínima nessas esferas e todas as outras vantagens que a aliança com a classe superior pode proporcionar (BEAUVOIR,1970, Volume I p. 15).Nesse ponto os papéis sociais estabelecidos a homens e mulheres são de condições análogas à vassalagem.

Proteção financeira, física e moral são dadas às mulheres em troca de uma subordinação que tem como finalidade a manutenção da propriedade privada através da família. Para que isso seja possível, a presença da mulher no lar e o controle de sua emancipação são essenciais (BEAUVOIR,1970, Vol I p. 17).No contexto da revolução industrial, essas bases são ameaçadas, as mulheres se apresentam como mão de obra mais barata e necessária. Como forma de controle da situação, a reação é a apelação para religião, filosofia, biologia, psicologia etc.

O olhar unilateral sobre a mulher em diferentes áreas, torna a libertação da mesma, cada vez mais difícil e a visão de Poulain de La Barre se faz substancial, quando se percebe que “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, porque eles são, a um tempo, juiz e parte” (BEAUVOIR,1970, Volume I p. 20).É construído a mulher, um destino permanente, um papel definido onde todas as suas vontades e desejos, seu corpo, suas habilidades e qualquer outro atributo são condicionados a serem subservientes das vontades e desejos dos homens e é por esse motivo que não se nasce mulher,mas se torna mulher, pelo fato de que nenhum indivíduo nasce com todas essas imposições, elas foram construídas e impostas apenas ao “Outro” (BEAUVOIR,1970, Vol II p.9).

1.3 feminismo plural: inclusão e Interseccionalidade do movimento

O movimento feminista passa por diversas adaptações desde a Primeira Onda Feminista, no século XIX. O pensamento de Simone de Beauvoir traz as bases para uma discussão inicial, mas foi e é complementado por diversas mulheres até os dias atuais.

A principal necessidade de ampliação do pensamento feminista clássico,

surge com o fato de mulheres negras não se sentirem representadas por alguns discursos e vivencias descritas por mulheres brancas, Bell Hooks (2015) ativista feminista negra é direta sobre o assunto em seu livro “O Feminismo é para todo mundo”.A ideia central da libertação das mulheres para o pensamento clássico do movimento feminista, vem da emancipação financeira e do trabalho da mulher. Em contraponto, mulheres negras já estavam no mercado de trabalho e não se sentiam emancipadas dessas questões, muito menos incluídas no movimento que daria suporte a elas em teoria.

> “A ênfase no trabalho como chave para a libertação das mulheres levou várias ativistas feministas brancas a sugerir que mulheres que trabalhavam “já eram livres”. Na verdade, elas diziam para a maioria das mulheres trabalhadoras “o movimento feminista não é para você... aprendi com minha própria experiência que trabalhar por salários baixos não libertava mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina.” (Hooks, 2015, p.48)

As mulheres conseguiram uma melhora no que diz respeito a salários desiguais, ocupação de cargos de destaque e outras questões trabalhistas, mas isso não garantiu o fim da discriminação por gênero. A dominação masculina se dá na vida das mulheres de diversas formas,

mesmo que uma mulher seja bem-sucedida em seu trabalho e tenha um salário até maior que de um homem (HOOKS, 2015, p.48).

Não se pode negar que a entrada da mulher no mercado de trabalho, teve como consequência positiva o aumento na autoestima feminina e maior participação delas na esfera social, com a sensação de ter um propósito maior que si mesmas (HOOKS,2015, p.49).

Em contrapartida, a dinâmica de tarefas domésticas se tornou mais um dos impasses para a liberdade feminina, uma vez que é a mulher a pessoa responsável por atender necessidades dos homens e crianças, por fim seu lar ganha conotação de serviço laboral.

Outras situações também podem ser configuradas a partir de especificações na vida de cada mulher, cabendo a ela mais obstáculos a serem quebrados (HOOKS,2015, p.49).Nessa fase da discussão feminista, incluir outras variáveis como, classe social, estado civil, orientação sexual, etnia e grau de escolaridade são indispensáveis, pois mulheres que não se enquadram a um perfil que tem acesso abastado de recursos financeiros, tem o estado civil de solteira, é heterossexual, branca, e com acesso a conhecimento acadêmico, dificilmente terá suporte para se emancipar através da força de trabalho, exclusivamente (HOOKS,2015, p.50).

A partir disso, são levantadas possíveis soluções para um melhor desenvolvimento da autossuficiência das mulheres de forma a integrar cada vez mais mulheres ao movimento. Programas de trabalho compartilhado e políticas públicas serão responsáveis por garantir os mesmos privilégios de pessoas com um estilo de vida vendido como padrão pela mídia. - Que são os que reforçam a dominação patriarcal, capitalista e hegemônica branca (HOOKS,2015, p.50).Essas proposições devem ser feitas para mulheres a fim de contribuir não só com a diversidade de mulheres existentes, mas também para que os homens consigam ter uma visão mais ampla da mulher, sem a limitação de enxergá-las com mais uma conotação negativa, dessa vez como adversarias (HOOKS, 2015, p.51).As autoras referenciadas até esse ponto da dissertação, possuem nacionalidades diferentes, nigeriana, francesa e norte-americana, respectivamente, todas apresentam pontos que contribuem na compreensão da linha temporal de pensamentos e fatos para a construção do movimento feminista.Mas não se pode deixar de lado o feminismo afro-latino-americano, defendido e exposto por Lélia Gonzales, autora e intelectual brasileira, que abraça essas experiencias compartilhadas por todas, de um jeito singular, voltado para a mulher sul-americana,

vivente da interligação de opressões, junto a discriminação de gênero e acordo com a autora, deve ser identificada à primeira vista, com a conotação racial.

> "...tentarei mostrar que, dentro do movimento de mulheres, as negras e indígenas são o testemunho vivo dessa exclusão. Por outro lado, com base em minhas experiências como mulher negra, tentarei destacar as iniciativas de aproximação, solidariedade e respeito à diferença por camaradas brancas efetivamente comprometidas com a causa feminista." (GONZALEZ, 2020, p.126).

O Brasil é país de pluralidade de raças, porém as raças que foram e são atingidas de forma excludente e cruel, são as advindas dos povos originários e povos afrodescendentes, que carregam em comum a marca da desigualdade e caracteriza toda a população, desqualificando por consequência o indivíduo ameríndio e amefricano (GONZALEZ, 2020, p.126)

O Brasil é país de pluralidade de raças, porém as raças que foram e são atingidas de forma excludente e cruel, são as advindas dos povos originários e povos afrodescendentes, que carregam em comum a marca da desigualdade e Compreender o racismo presente no território brasileiro é fundamental para admitir o racismo por omissão, que tem como base a visão eurocêntrica e neocolonialista presente na formatação da sociedade até os dias atuais no país, que dá destaque a uma hierarquia estruturada em países com formação completamente diferente da base social ameríndia. (GONZALEZ, 2020, p.128)

A ideologia do branqueamento está impregnada na sociedade brasileira, as mais de cem denominações de cores para pessoas, existentes no Brasil, evidencia o processo mal-acabado da abolição da escravidão e impacta diretamente na vivência das mulheres dentro do país, ao passo que reconhecer a problemática racial se torna um trabalho dificultoso e lento, a consciência coletiva feminina perde forças e o discurso feminista com bases norte-americanas e europeias não se faz eficiente (GONZALEZ, 2020, p.130).A exploração de classe e discriminação racial são comuns na narrativa de homens e mulheres presentes nos territórios latino-americanos, mas o que os diferenciam é a conotação excludente da mulher dentro dos movimentos raciais indígena e negro, visto a estruturação patriarcal dessas sociedades. Sendo assim o surgimento do feminismo afro-latino-americano é justificável e essencial (GONZALEZ, 2020, p.133).

Para a comunidade LGBTQIAP+, as mulheres incluídas nas siglas são as Lésbicas, Bissexuais, Pansexuais e Transexuais. Cada uma em seus recortes sofre da privação cis heteronormativa, que enxerga a mulher como alguém incapaz de responder por seu próprio corpo, sua expressão de gênero e orientação sexual (AKOTIRENE, 2019, p.20).

“Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas”

(AKOTIRENE, 2019)

fonte:www.brasildefato.com.br,editada pela autora

No caso de mulheres negras, pertencentes a sigla, a sobreposição da opressão racial com a intolerância gênero-sexual, afasta cada vez mais a mulher de uma condição humana digna, de reconhecimento e de existência. Quando visualizamos esse choque de problemáticas sociais, o entendimento do feminismo se abre, novas discussões surgem e fica impossível separar questões que são interseccionais.

> "Qualquer ataque contra pessoas negras é uma questão lésbica e gay, porque eu e milhares de outras mulheres negras somos parte da comunidade lésbica. Qualquer ataque contra lésbicas e gays é uma questão de negros, porque milhares de lésbicas e gays são negros. Não existe hierarquia de opressão. Eu não posso me dar ao luxo de lutar contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular..." (AKOTIRENE, 2019, p.26, grifo pela autora)

Interseccionalidade é um termo que deve ser introduzido a discussões como esta, nesse exato ponto, ele representa em uma única palavra a indivisibilidade de lutas raciais, de identidade de gênero, classe e orientação sexual, apresentadas até aqui. Elas estão intrinsecamente interligadas, uma vez que todos seus representantes se encontram na base de uma pirâmide hierárquica de privilégios sociais (CRENSHAW, apud. AKOTIRENE, 2019, p. 32).

Quando um indivíduo se encontra na intersecção de todas essas esferas, é ele o alvo de todas as opressões concomitantemente. Sendo assim, é a mulher negra, periférica e pertencente a letra mais privada de privilégios dentro da sigla LGBTQIAP+, ou seja, a T, referente a Travestis, Transexuais e Transgêneros que ocupam esse lugar de base piramidal (AKOTIRENE, 2019 p.35).

Angela Davis é uma feminista negra norte americana que entende a mudança estrutural da sociedade a partir da perspectiva otimista de um futuro inclusivo as mulheres de raça negra. Em uma de suas entrevistas ao jornal El País, Angela sintetiza a ideia central desse trabalho acadêmico, na seguinte frase:

“Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

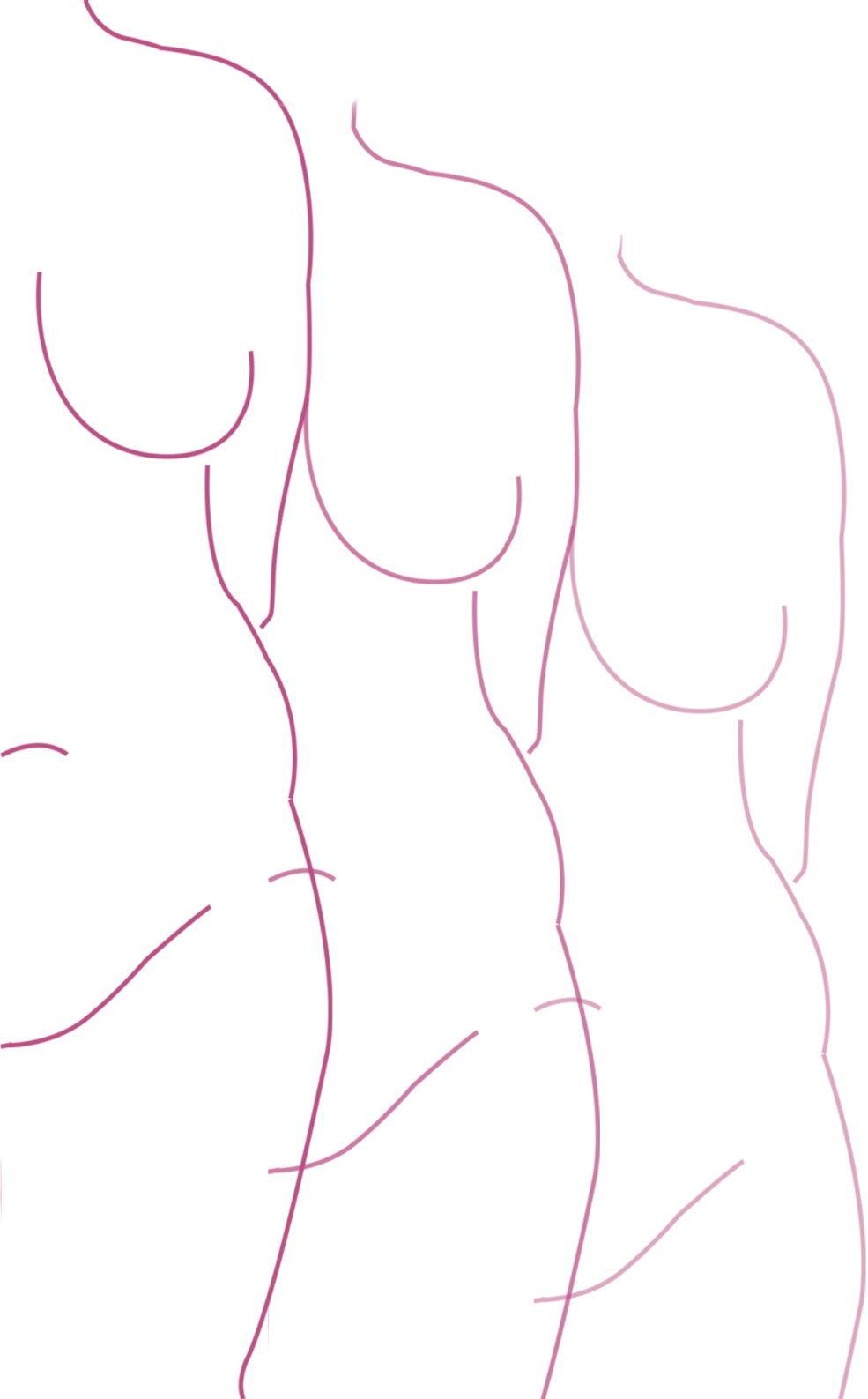
(ALVES, 2017)

fonte:periferiaemmovimento.com.br/,editada pela autora

Com ajustes adicionais das mulheres LGBTQIAP+ nessa fala, é que esse trabalho se constitui. A Vertente do feminismo que será abordada dentro dos discursos e leituras justapostas ao contexto do direito à cidade e irão destacar a arquitetura e o urbanismo como instrumento capaz de transformar vivências e experiências de pessoas dentro de um território em escalas compatíveis a intervenções projetuais, será o feminismo plural, interseccional.

Entendendo que se existe movimento da mulher preta, periférica e transexual, as estruturas sociais também ganharão movimento e por consequência as demais vivências femininas, ao passo que as experiencias masculinas e não-binarias também serão impactadas de forma positiva, a fim de um conviver social harmônico, justo, igual, ou seja, democrático para todes.[2]

[2] É de extrema importância ressaltar que este trabalho tem como objetivo tratar de feminismos plurais sem aprofundamento em questões particulares como o Feminismo Transexual ou em questões mais profundas de denominações subjetivas de gênero, o objetivo é o reconhecimento e inclusão desses pontos de vista na narrativa que será construída ao longo do desenvolvimento do texto. Por esse motivo, segue indicações de bibliografias complementares a esse tema: “Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade – Judith Butler” e “Transfeminismo – Leticia Nascimento



02

PLANEJAMENTO DO ESPAÇO URBANO - CIDADES DEMOCRÁTICAS

2.1 Compreensão da desigualdade de gênero refletida nas cidades

A questão da desigualdade de gênero é latente e perpassa pelas esferas mais diversas. Neste capítulo, a intenção é que fique fixada a ideia de que essa temática não é algo 'atual', restrito a um único público ou assunto, e sim um tema que se faz presente em toda a estrutura fundamental que compõe as relações humanas sociais.

Os espaços físicos onde essas relações se estabelecem são só reflexo das dinâmicas sociais existentes e é por esse motivo que o planejamento urbano pode ser um dos aliados nas discussões traçadas a partir do paralelo Mulheres e Cidades'. Evidenciando pontos a serem melhorados e fazendo proposições projetuais que podem ser vetores de transformação social, para que os espaços urbanos sejam cada vez mais democráticos (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.81).A contextualização da importância do movimento feito pelas mulheres a fim de visibilidade social, econômica e política foi feita neste trabalho, com fins introdutórios em um cenário geral. A partir de agora, os termos e conceitos apresentados terão direcionamento a um viés analítico arquitetônico e urbanístico.

Sendo assim, o entendimento do termo 'Patriarcado' é responsável por possibilitar a análise crítica-urbanista que se constituirá em todo desenvolvimento dessa dissertação, uma vez que é ele quem molda a cultura, os costumes, relações sociais e por consequência, nossas cidades.

> "O patriarcado é o sistema que organiza as relações de poder entre os gêneros: ele atribui uma hierarquia implícita aos diferentes papéis baseados no sexo, categorizando o feminino como alteridade em relação ao masculino. O sistema patriarcal explica e serve para tornar visível a opressão das mulheres ao longo da história da humanidade tanto em sua versão forte quanto em sua versão fraca–, e é a origem de práticas desleais e hábitos perversos que prejudicam a dignidade e a igualdade entre os seres humanos." (PETIT, 2003 apud. FERRADÁS, 2014, p.5).

Dessa forma, se dá nome ao sistema de organização social que atribui ao homem uma maior importância em detrimento da subserviência da mulher. Essa visão antropocêntrica é quem entende o masculino como pertencente ao espaço público (o local da produção, trabalho, lazer) e enxerga a mulher pertinente ao espaço privado (local de restrito do lar), a atribuição de papeis é consequentemente um limitante de ocupações de espaços físicos, em todas as escalas (FERRADÁS, 2014, p.25).

Pode-se afirmar então que o espaço, não é neutro uma vez que essas limitações implicam no direito a cidade.

No Brasil mulheres e homens possuem os mesmos direitos e deveres, mas até quando elas evidenciam essas diferenças existentes e tentam se fazem ouvir quando pedem por igualdade, a resposta vem em forma de invisibilidade e submissão, tanto pela figura masculina como o sistema criado por ele.

> "A intenção da organização das cidades, bairros e edifícios era – e ainda é – manter a mulher aprisionada no lar, afastando-a do convívio social e promovendo seu constrangimento físico, social e econômico." (BOURDIEU, 2002 apud. SEBALHOS, FLORES e COELHO 2019, p.81).

Dessa forma, o espaço não designado a mulher, que tem conotação pública e dominância masculina, passa a ser um lugar de insegurança, violência e ameaça a vida da mulher.

A visão masculina de objetificação e invisibilidade da mulher, aumenta ainda mais condições e opressões não só no âmbito doméstico, mas principalmente nas ruas, locais teoricamente de comum direito a todos (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.82). A experiência vivida nas cidades por pessoas de gêneros diferentes coloca a percepção de segurança e pertencimento ao espaço, como fatores claros de desigualdade. Arquitetura, urbanismo e planejamento urbano se enquadram nesse assunto, uma vez que estratégias projetuais podem ser adotadas em cada uma dessas esferas, a fim de reduzir o impacto negativo da discriminação de gênero (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.82).

2.2 A dominância da figura masculina no planejamento urbano

É importante dizer que a visão feminina dentro de diversas instâncias acadêmicas e de produção de conhecimento são restritas e quase inexistentes, discussões como essa apresentada, não são amplas nem fomentadas. Dentro da arquitetura e urbanismo isso não é diferente.

Os estudos sobre planejamento do espaço urbano e dinâmicas urbanas tem autoria masculina, branca e origem eurocêntrica, ou seja, espaço para debates e levantamento de problemáticas que envolvam as mulheres, são escassos, mesmo com a evolução das conversas sobre o assunto as consequências da contribuição masculina geram impacto e influência no desenho urbano até os dias atuais (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.84).Vale sempre lembrar que ao longo da história do planejamento urbano, cargos de poder e influência na construção das cidades como: Arquitetos, Urbanistas, Políticos, Promotores, Secretários, Construtores e Trabalhadores, foram concedidos a pessoas do gênero masculino, as mulheres só começaram a ter espaço a partir do final do século XX e até os dias atuais

é pouco representada nessas funções que tem impacto direto a produção do território urbano (Gobierno Vasco, 2010, apud. FERRADÁS, 2014, p.34).Um exemplo disso são os estudos sobre o urbanismo moderno, mas especificamente os estudos de Ebenezer Howard, onde ele descreve uma população ideal para cidade e a desenha com separadas funções, reforçando a ideia de espaços ocupados por mulheres serem limitados por locais como escolas, casas, mercados e outros tipos de edificações que condicionam a posição da mulher como a pessoa que cumpre tarefas domésticas exclusivamente (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.86).

Jane Jacobs é uma urbanista que contribuiu com diversas produções acadêmicas sobre esse tema e fez críticas a esse plano a fim afirmar que a dominação masculina entre profissionais da área de arquitetura e urbanismo não são funcionais, descartam ainda mais problemas evidentes e necessários de serem solucionados pela área.

> "Estranhamente, eles criam projetos e planos que desconsideram os homens como integrantes da vida diária e normal de onde quer que haja moradias. Ao planejar a vida residencial, o objetivo deles é satisfazer as pretensas necessidades cotidianas de donas de casa ociosas e criancinhas em idade pré-escolar." (JACOBS, 2014, p. 91).

A autora enfatiza indignação quanto a teoria da Cidade Jardim, exposta pelo urbanismo Moderno,

que propõe a organização da cidade com elementos como o trabalho e lazer, distantes das residências. E propõe a multifuncionalidade das edificações e maior atividade das pessoas nas cidades em horários diferentes, como solução para que as mulheres também participem de forma mais ativa das atividades cotidianas da cidade, da mesma forma que um homem participa (JACOBS, 2014, p. 91-92).A participação das mulheres na arquitetura muitas vezes se limita a projetos de porte pequeno, com foco residencial e decorativo. No campo do urbanismo é limitado a um número reduzido de mulheres, ainda mais dentro da academia onde a exposição desse tipo de conteúdo deve ser disseminado para a conscientização da categoria profissional (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.91).

A propriedade empírica e técnica de uma mulher pode fazer diferença na análise de um território, pois é a partir disso que podem surgir proposições coerentes, que respeitem a posição das pessoas de forma digna e não com carga hierárquica e de submissão. Levar em consideração trajetos, deslocamento, percepções dos lugares de forma qualitativa e com uma visão de propriedade no assunto, podem tornar arquitetura e urbanismo um instrumento de transformação social.

2.3 O desenho urbano como transformador estrutural

Arquitetura e urbanismo não se limita a construção, ela também é responsável pela consciência crítica de gênero, política e social (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.90). O equilíbrio entre as ciências exatas e humanas é fundamental para que criar e planejar espaços, locais e edificações seja algo eficiente, humanitário e funcional para pessoas reais. Sim, é a função do profissional da área, fazer uma leitura atenta, analisar variantes diversas e chegar em soluções que tornem as cidades lugares diversos, seguros e democráticos.

As diárias violências sofridas pelas mulheres, mesmo que pontuais, quando somadas, mostram o quão imponente é a invisibilização da mulher como usuária ativa da cidade e qual a parcela do planejamento urbano que contribui com a subalternação da mulher (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.90).Dessa forma cabe ao profissional não se ausentar de realidades sociais como essa e deixá-las claras em seus levantamentos, cartografias e evidenciar em pesquisas um cunho mais qualitativo que quantitativo para que eventuais proposições

sejam mais próximas de serem soluções efetivas a problemas reais, lembrando que todo território é múltiplo e abrange situações singulares assim como devem ser os desenhos e projetos sugeridos (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.91).

O debate da temática da discriminação de gênero em âmbito urbano se expande para além dos projetos de intervenção, quando se entende a importância dessas discussões serem inclusas as universidades de forma incisiva, pode -se admitir que de fato a educação e conscientização são legítimos para a formação de profissionais cada vez mais conscientes e preparados (SEBALHOS, FLORES e COELHO, 2019, p.91).

> "Deve-se dialogar com as ciências exatas, mas também (re)incluir as ciências humanas que vem perdendo espaço gradativamente e culminará na formação de meros projetistas – cadistas –, que não atentam ao ser humano que ocupará aquele local, apenas ao ambiente planejado". (JACOBS, 2014, p. 91).

Desse jeito, o desenho deve ser entendido como um veículo, instrumento para expressão de uma consciência adquirida dentro do espaço da academia para que seja explicita nos projetos elaborados e conceitos como segurança, acessibilidade e democracia sejam entendidos em uma linguagem gráfica.

03

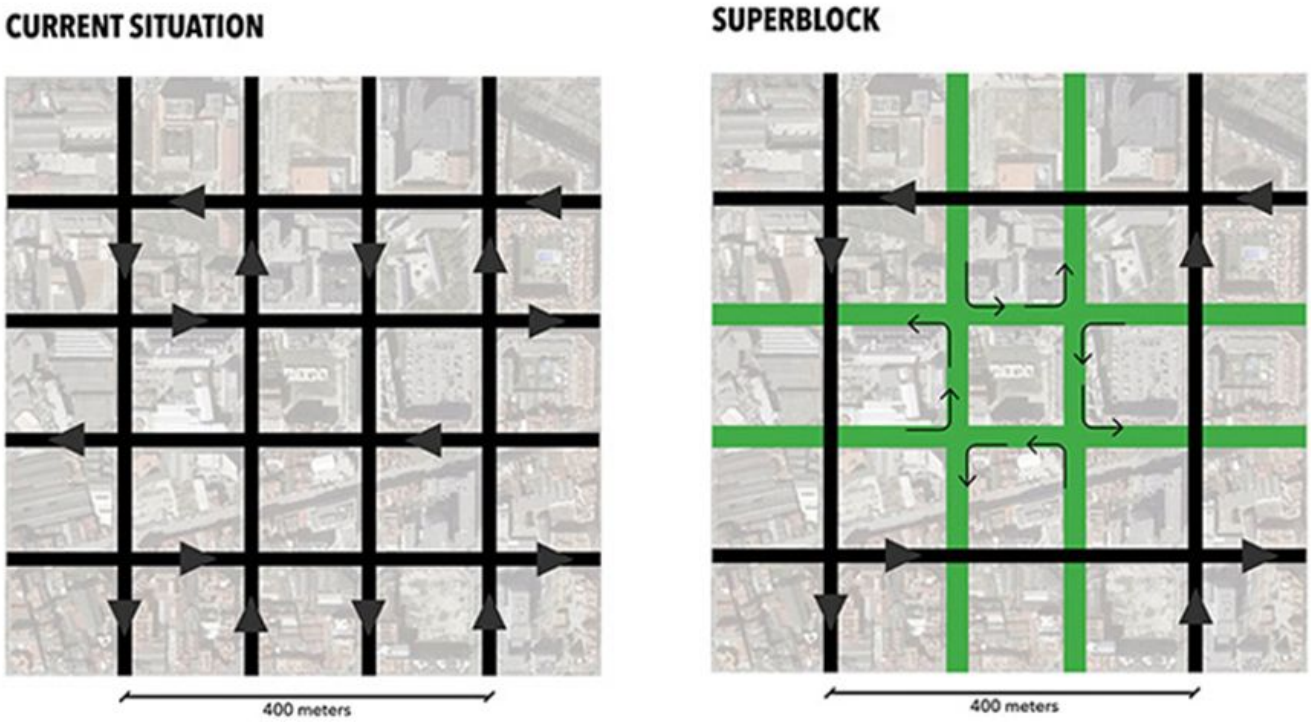
OUTRO OLHAR SOBRE A RUA

3.1 Estudo de caso: Superquadra Poblenou, Barcelona, 2017

O projeto das Superquadras em Barcelona é um exemplo completo de estudo territorial inclusivo, com viés urbano-feminista e intervenções que contemplam o redesenho urbano em escala de passeio público. A inciativa desse tipo de projeto foi da Câmara Municipal de Barcelona, mais precisamente da Secretaria de Ecologia, Urbanismo e Mobilidade, que tem como secretária, Janet Sanz, uma mulher engajada no movimento feminista e que tem em seu discurso, pautas como desenvolvimento sustentável das cidades e inclusão da população aos espaços públicos (Piseagrama, 2017).

As "Superillas" ou Superquadras, propõem um alargamento das vias ortogonais do Plano Cerdà, para liberação até 60 % da área destinada a circulação de automóveis, para que sejam espaços públicos multifuncionais. O projeto entende a mobilidade urbana como um instrumento que possui diversos modais de transporte efetivo, como a bicicleta, o andar a pé e o transporte público, diminuindo a necessidade de uso dos carros. A ideia central é projetar a rua para as pessoas,

colocando como usuário modelo, a mulher, já que a figura feminina é a mais excluída da participação da dinâmica pública da cidade (Piseagrama, 2017).



Mapa que ilustra o projeto de alargamento das vias de Barcelona (Piseagrama, 2017)

As diretrizes gerais desse projeto, acontecem a partir de cinco pontos principais, segundo a Câmara de Barcelona:

Transformação do espaço público (áreas marcadas em rosa)

A intenção é a transformação da cidade de Barcelona como um todo, para que se crie um modelo de cidade, que comporte novas questões do século XXI;

Melhoria de Bairros e Recintos (áreas marcadas em verde)

Esse tópico diz respeito a qualificação e fortalecimento dos bairros, levando menos em consideração a produtividade característica advinda da revolução industrial e exaltando a diversidade e identidade da cidade;

Reativação de tecidos econômicos (áreas marcadas em amarelo)

Desenvolver uma economia a base da sustentabilidade e ecologia é uma das propostas do projeto, conscientizando a população de que é possível gerar renda a partir de iniciativas que também cuidam do meio ambiente;

Promoção da Mobilidade Sustentável (áreas marcadas em azul)

O tópico mobilidade é elencado no projeto como essencial para o combate a poluição local, focando em meios de transportes limpos, reduzindo o deslocamento territorial feito por automóveis e estimular melhor qualidade de vida para a população com os deslocamentos a pé, de bicicleta e transporte coletivo, investindo na melhoria das redes cicloviárias, expansão do serviço público de transporte, reforçando conceitos como rapidez, conforto e segurança;

Aumentos dos espaços públicos e habitações (áreas marcadas em lilás)

A cidade de Barcelona quer garantir o direito à cidade, através da construção de unidades habitacionais que comportem a população com uma infraestrutura que dê suporte a melhor qualidade de vida e apropriação do espaço público (Ajuntament Barcelona, 2022).

Mapa que ilustra o master plan das Superquadras de Barcelona (Ajuntament Barcelona, 2022)

A implementação desse projeto passa por diferentes fases, de 2014 a 2017, entre apresentações em congressos, análises e coleta de dados da população, reuniões coletivas até a implementação de fato do primeiro protótipo de redesenho de praça, que ocorreu no bairro de Poblenou, distrito de Sant Martí, que possui características próximas ao bairro da Mooca, principalmente quanto ao passado de caráter industrial que molda a morfologia local (VIA-UFSC, 2018)

O redesenho da quadra e das ruas partiu de um processo colaborativo entre pessoas que moram, trabalham, circulam e vistam o bairro.

Grupos de estudantes de diversas universidades de Barcelona se uniram para o mapeamento das necessidades da população local e os objetos de intervenção escolhidos para esse primeiro protótipo das Superquadras, foram pinturas e sinalizações de trânsito, novo mobiliário urbano produzido a partir de reciclagem de materiais, que abrange múltiplas funções como recreação para todas as idades, área de atividades físicas, áreas de descanso, convivência e permanência (VIA-UFSC, 2018).

Como protótipo, o projeto de praça do distrito de Sant Martí, se molda de acordo com a necessidade dos habitantes, o cerne do projeto é realmente ouvir a população para que o projeto seja de fato incorporado de acordo com a necessidade e experiência de todos (VIA-UFSC, 2018).

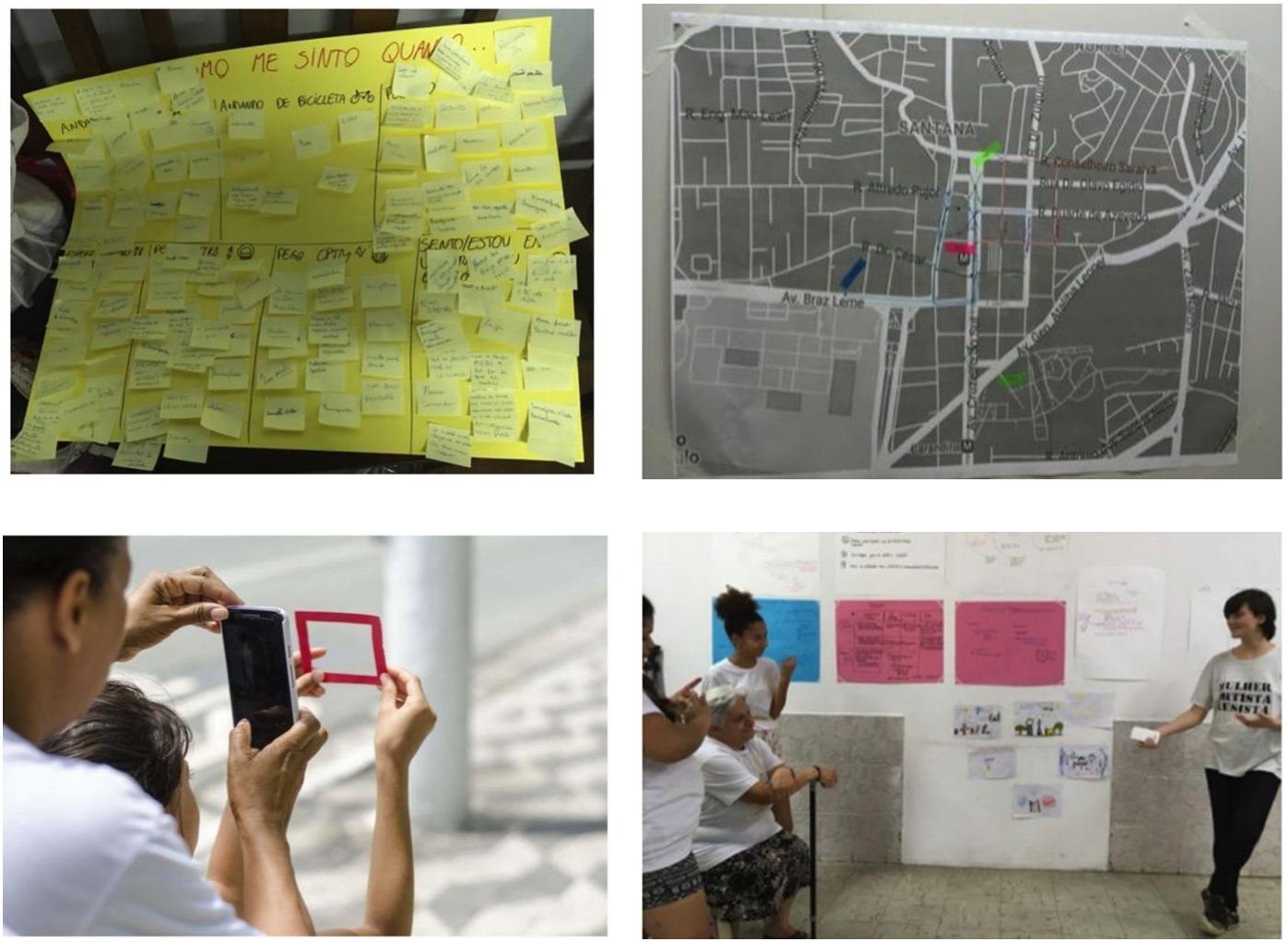
Fotos da intervenção da superquadra protótipo (Ajuntament Barcelona, 2022)

Os destaques desse projeto se concentram na metodologia de estudo territorial aplicada ao projeto, levando em consideração de fato a resposta da população como orientação principal para o que será desenvolvido de forma concreta e a utilização do conceito de Urbanismo Tático e Traffic calming definido pelo site Archdaily (2019), como intervenções de baixo custo em uma escala pontual, com um poder de atingir a macro escala e o planejamento urbano como um todo, promovendo o direito à cidade e interações sociais mais horizontalizadas.

Fotos da intervenção da superquadra protótipo (Ajuntament Barcelona, 2022)

3.2 Manual Mulheres Caminhantes, Auditoria de Segurança de Gênero e Caminhabilidade Terminal Santana Brasil, 2018

O Manual Mulheres caminhantes, foi produzido pelo Fórum Regional de Mulheres (FRM), Rede Mas, Zona Norte, com o intuito de analisar de forma qualitativa e quantitativa a situação das mulheres no Terminal Santana, da cidade de São Paulo a fim de gerar recomendações de propostas de intervenção para melhor experiencia das pessoas na cidade, utilizando a teoria de que se a cidade é segura e eficiente para as mulheres, eventualmente ela será para as demais pessoas.O trabalho realizado pelo FRM, é o de criar uma metodologia de estudo do território a partir da perspectiva de gênero A pesquisa de campo é utilizada para coleta de dados do perfil das participantes, de acordo com gênero etnia, idade e perfil socioeconômico, além das dinâmicas práticas elaboradas a fim de entender as experiências sensoriais e afetivas das mulheres no local (GOMES, 2018).As práticas didáticas e dinâmicas propostas pelo manual incluem: mapeamento do trajeto de deslocamento das mulheres no território de estudo, quadro interativo com a resposta para perguntas que possuem intenção de captar sentimentos e sensações, como: “Como me sinto quando ando de metrô? ou de bicicleta ", atividades de fotografia de espaços que deixam as mulheres confortáveis e locais que as deixam em estado de vulnerabilidade e reuniões para fomentar a discussão da questão de gênero aplicada no meio urbano, de forma simples e de fácil compreensão.



Reuniões com resultados das pesquisas e dinâmicas do projeto Mulheres Caminhantes (GOMES, 2018)

O resultado desse tipo de metodologia analítica cartográfica, gera resultados visuais, mais próximos das pessoas e de seus cotidianos, uma cartografia feminista da cidade, levando a discussões, debates e co-criação de soluções para as problemáticas levantadas (GOMES, 2018), que é exatamente a intenção desse trabalho final de graduação.

04

LEITURA TERRITORIAL

4.1 O Local

O local de estudo e intervenção deste projeto, é o bairro da Mooca, mais especificamente, o recorte onde a malha viária formada pela linha férrea, a linha metroviária e as vias arteriais, formam uma barreira notável e uma porção do território se sobressai.

O bairro da Mooca possui um histórico fabril, a morfologia urbana se deu mais consolidadamente no século XIX, por conta da linha do trem, o transporte era utilizado para escoamento e carregamento de mercadorias. (Hori et al, 2018)

O adensamento populacional se deu em grande parte pela população imigrante, de origem italiana. A necessidade de infraestrutura no local acaba por dar forma ao desenho do bairro, que é característico das fábricas, galpões, vilas operárias e cortiços . (Hori et al, 2018)

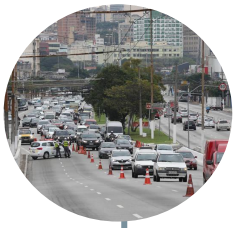
Nos anos 90, o êxodo industrial deixa no território vestígios das antigas fábricas e cicatrizes urbanas caracterizadas pela divisão do território, espaços não utilizados e ruas desertas.

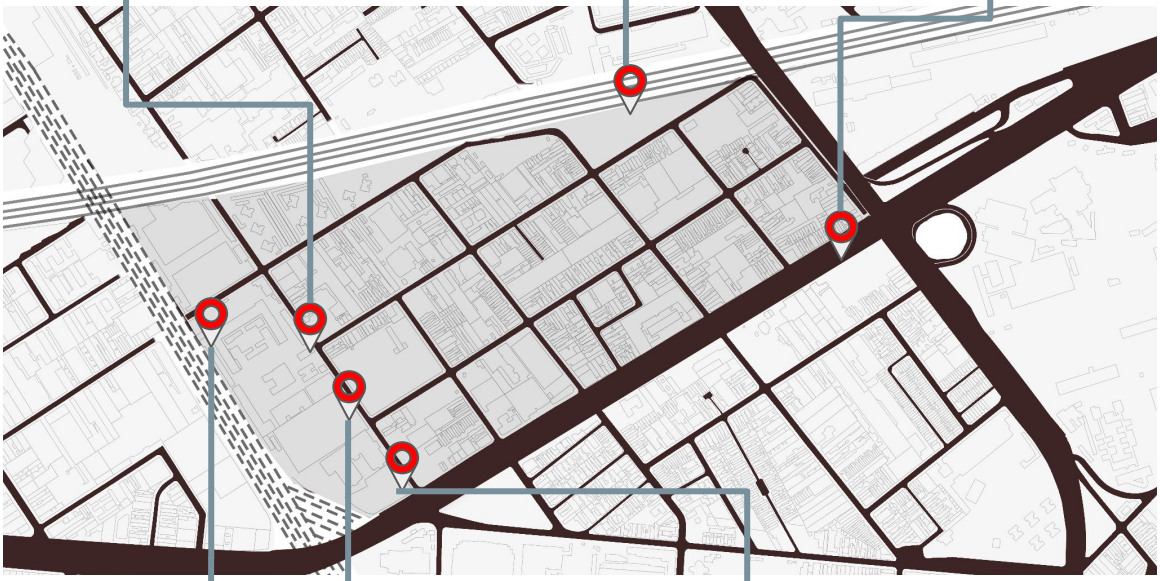
MAPA DE LOCALIZAÇÃO

Arsenal da esperança

Estação
Bresser-Mooca

Av. Alcantra Machado





Museu da imigração

Universidade Anhembi
Morumbi

Teatro Gamaro

4.2 Leitura urbanística do território, com foco na problemática de gênero

De acordo com a dissertação “Caminhar na cidade patriarcal - Um manual para cidades feministas, 2022”, a leitura do território e análise urbanística pode ser feita a partir de pontos chaves que dizem muito sobre a experiência de insegurança da mulher na cidade. Isso se dá por conta da maneira como a mulher é lida e vista na sociedade e isso é refletido nos espaços urbanos.

Portanto, os pontos principais a serem analisados, passam por dados urbanísticos como: arborização viária, iluminação pública, mobilidade (isso inclui principalmente os modais alternativos ao carro), trajetos e suas condições.

Além disso, a principal diferença está na percepção sensorial e análise qualitativa das experiências femininas no local de estudo.

Isso significa que compreender as necessidades de quem experiencia o local de intervenção, é extremamente necessário para que de fato o projeto se faça funcional e garanta a segurança da mulher, que é a de todos por consequência

Dito isso, seguem em sequência, mapas realizados com a finalidade de entender melhor a relação entre a mulher e a cidade. Juntamente com os resultados da análise qualitativa e quantitativa de dados coletados no desenvolvimento do artigo "O DESENHO URBANO E A DESIGUALDADE DE GÊNERO: Um olhar sobre a rua". Que tem como objetivo comprovar a desigualdade de gênero na rua Dr. Almeida lima, a qual está inserida no local de intervenção deste trabalho.

Defina a rua em uma PALAVRA:

SINGULAR

ASSOMBROSA

GENTRIFICADA

ATROPELAMENTO

HORRÍVEL

BAGUNÇADA

INACESSÍVEL

ESBURACADA

DESCONFORTÁVEL

ELITIZADA

ASSALTO

SUJA

PÉSSIMA

CONFORTÁVEL

PERIGOSA

ARBORIZADA

VAZIA

ESCURA

TRISTE

APERTADA

CONFORTÁVEL

DESCONFORTÁVEL

RESPOSTAS FEMININAS

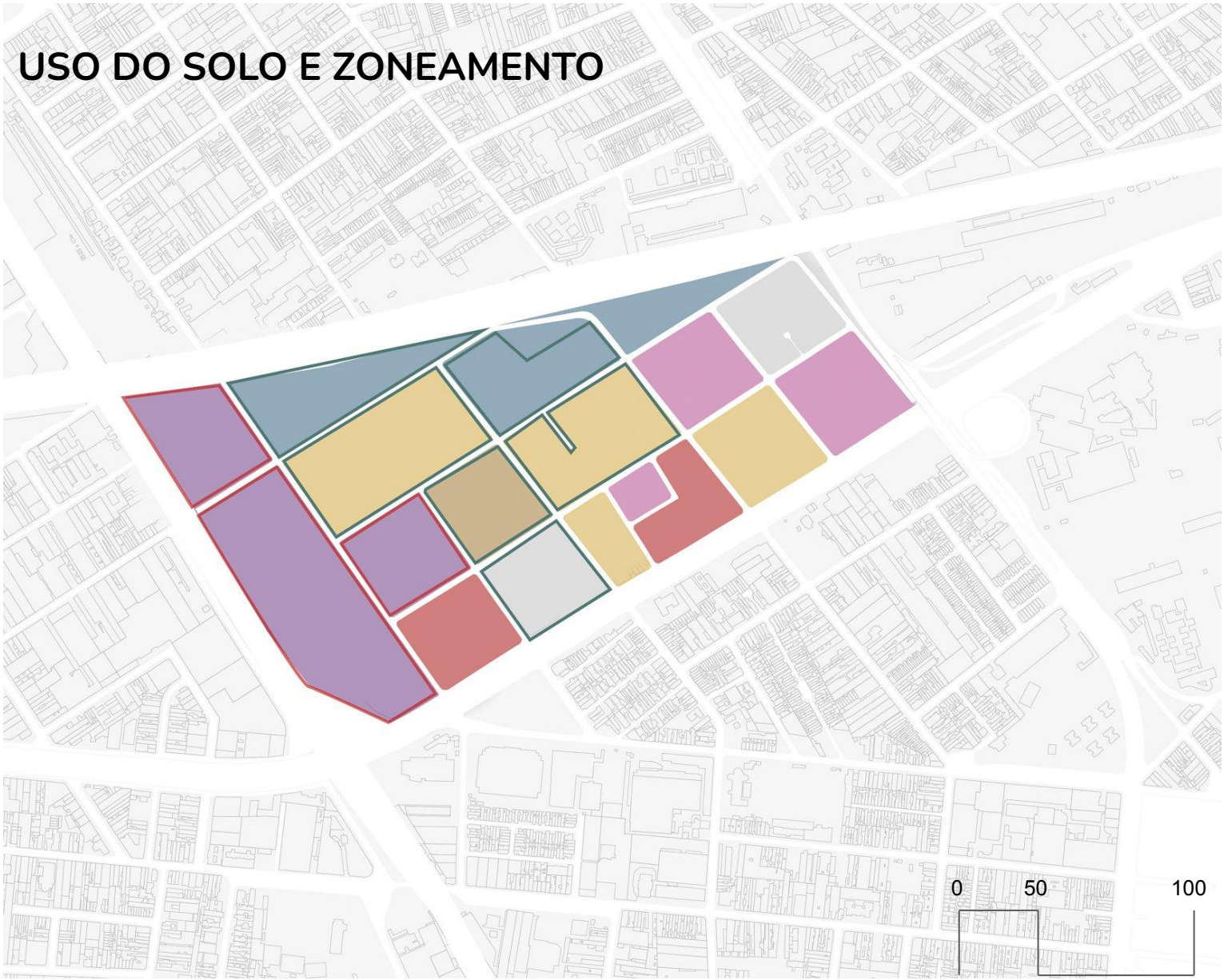
RESPOSTAS MASCULINAS

Através dos resultados obtidos pela pesquisa, entende-se que o perfil dos entrevistados é em sua maioria, homens e mulheres são branco, cisgenero, heterossexuais, na faixa de 18-25 anos . O que se é esperado já que a rua estudada, tem como ponto focal uma universidade particular.

As palavras utilizadas pelos entrevistados para definir a rua, os medos sentidos , os trajetos utilizados e as sugestões de melhoria mostram a diferença da percepção masculina e feminina sob a mesma área ,

Os pontos elencados pelo artigo, como problemáticos no trajeto realizado pelos entrevistados são: calçadas estreitas, falta de iluminação pública, arborização viária que impede o caminhar, aglomerados de pessoas em situação de rua, alta velocidade dos carros, falta de locais de permanência e maior movimentação.

USO DO SOLO E ZONEAMENTO

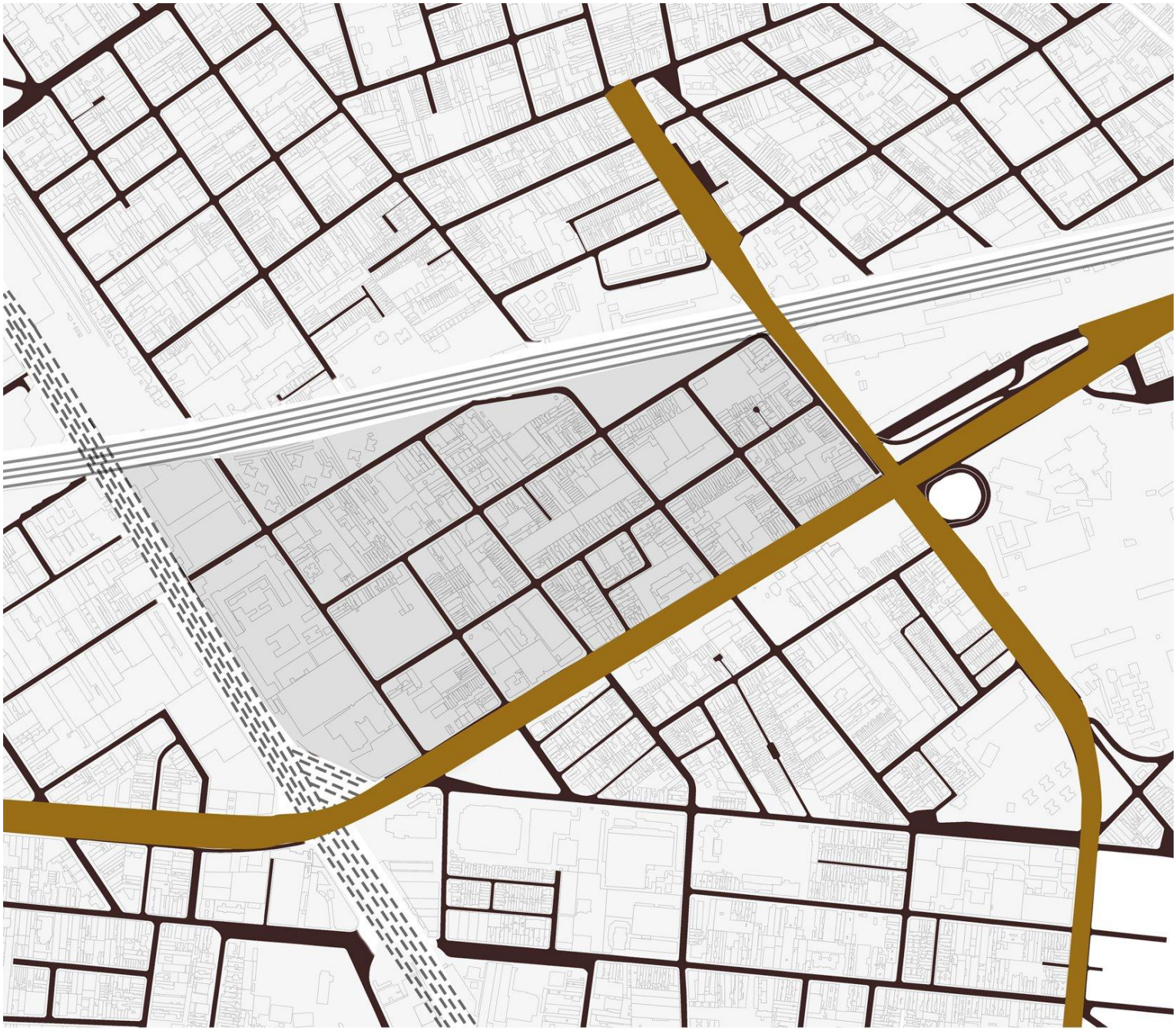


- MACROZONA DE ESTRUTURAÇÃO E QUALIFICAÇÃO URBANA
- ÁREAS TOMBADAS OU EM PROCESSO DE TOMBAMENTO PELO CONDEPHAAT
- RESIDENCIAL VERTICAL, MÉDIO/ALTO PADRÃO
- EQUIPAMENTOS PÚBLICOS (INSTITUCIONAL)
- RESIDENCIAL/COMERCIAL
- COMÉRCIO
- GARAGENS
- SERVIÇO

Tendo em vista os pontos principais que devem ser levados em consideração na proposta de intervenção, a análise dos mapas com índices urbanísticos, aqui ganham um olhar voltado ao direito à cidade.

No caso do mapa de uso, ocupação e zoneamento, a presença de edificações verticalizadas de alto padrão, em sua maioria muradas, formam paredões e corredores vazios em diferentes horários, o que amplia a sensação de insegurança das mulheres na rua.

A área estudada é denominada uma macrozona de estruturação e qualificação urbana, o que abre possibilidades para um melhor deslocamento dentro e fora do recorte. E também possui áreas tombadas e em processo de tombamento, o que possibilita a criação e apropriação de novos espaços públicos nesse local.



MOBILIDADE URBANA

FERROVIA

METRÔ

VIAS ARTERIAIS

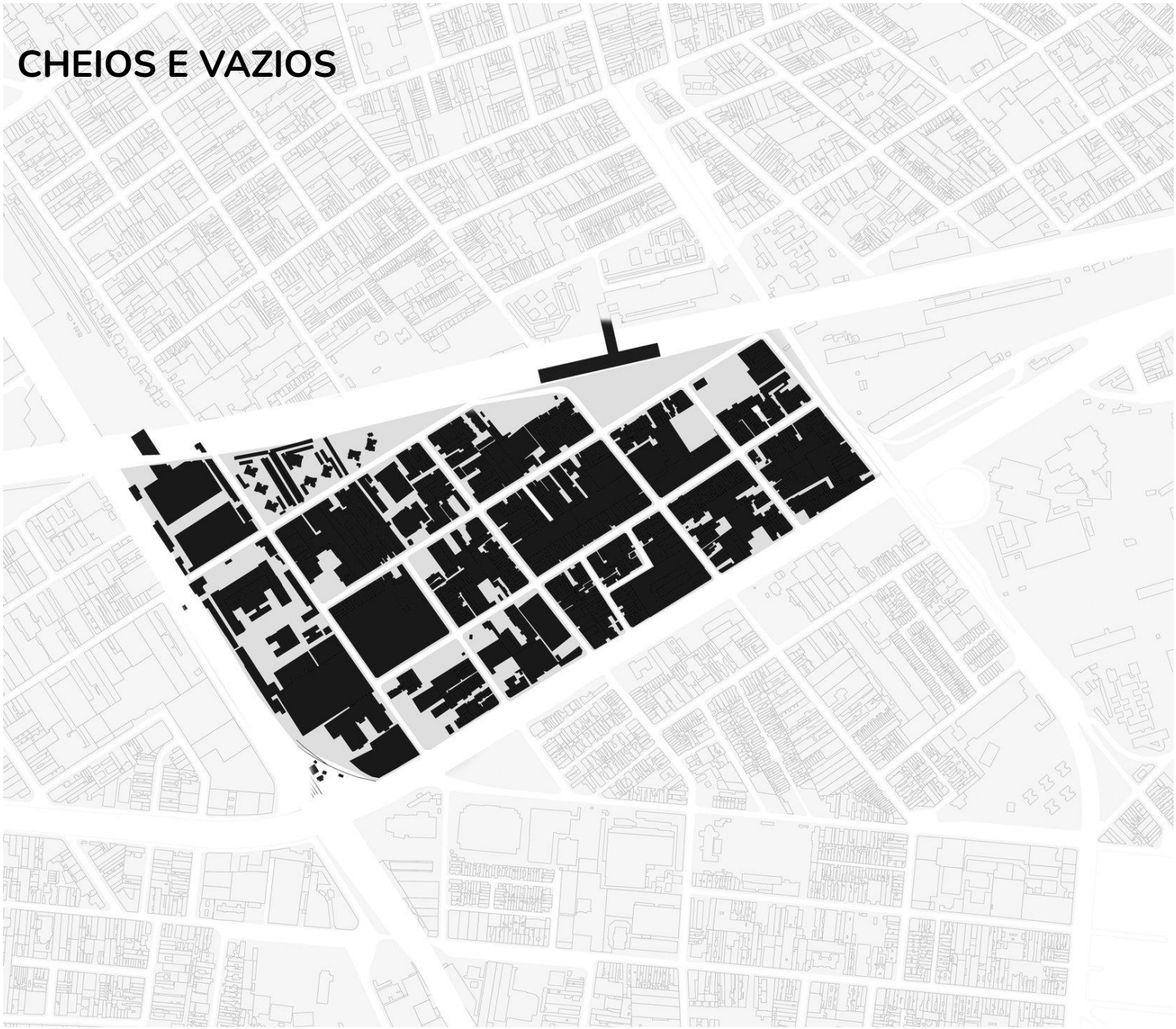
VIAS COLETORAS

0 50 100

O destaque para a distinção de trajetos feitos por homens e mulheres nesse recorte, deixa claro a intenção do desenho urbano e principalmente da associação entre mulheres e modais alternativos de transporte e deslocamento.

As rodovias, a linha férrea e a linha metroviária dificultam a mobilidade interna da região estudada e não oferecem autonomia, principalmente as mulheres. A falta de um sistema cicloviário e má condições para que o deslocamento à pé aconteça, também estão presentes no território.

CHEIOS E VAZIOS



CHEIOS (EDIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS

0 50 100

No mapa de cheios e vazios é possível perceber as quadras abertas que são muradas e inacessíveis à população, adensamento a partir de edificações com alto gabarito e áreas que formam vazios urbanos, terrenos subutilizados, não utilizados, que muitas vezes vem passando por transformações que não favorecem a população, nem ao aumento de locais com caráter público.

ILUMINAÇÃO PÚBLICA E ARBORIZAÇÃO VIÁRIA

POSTES DE ILUMINAÇÃO

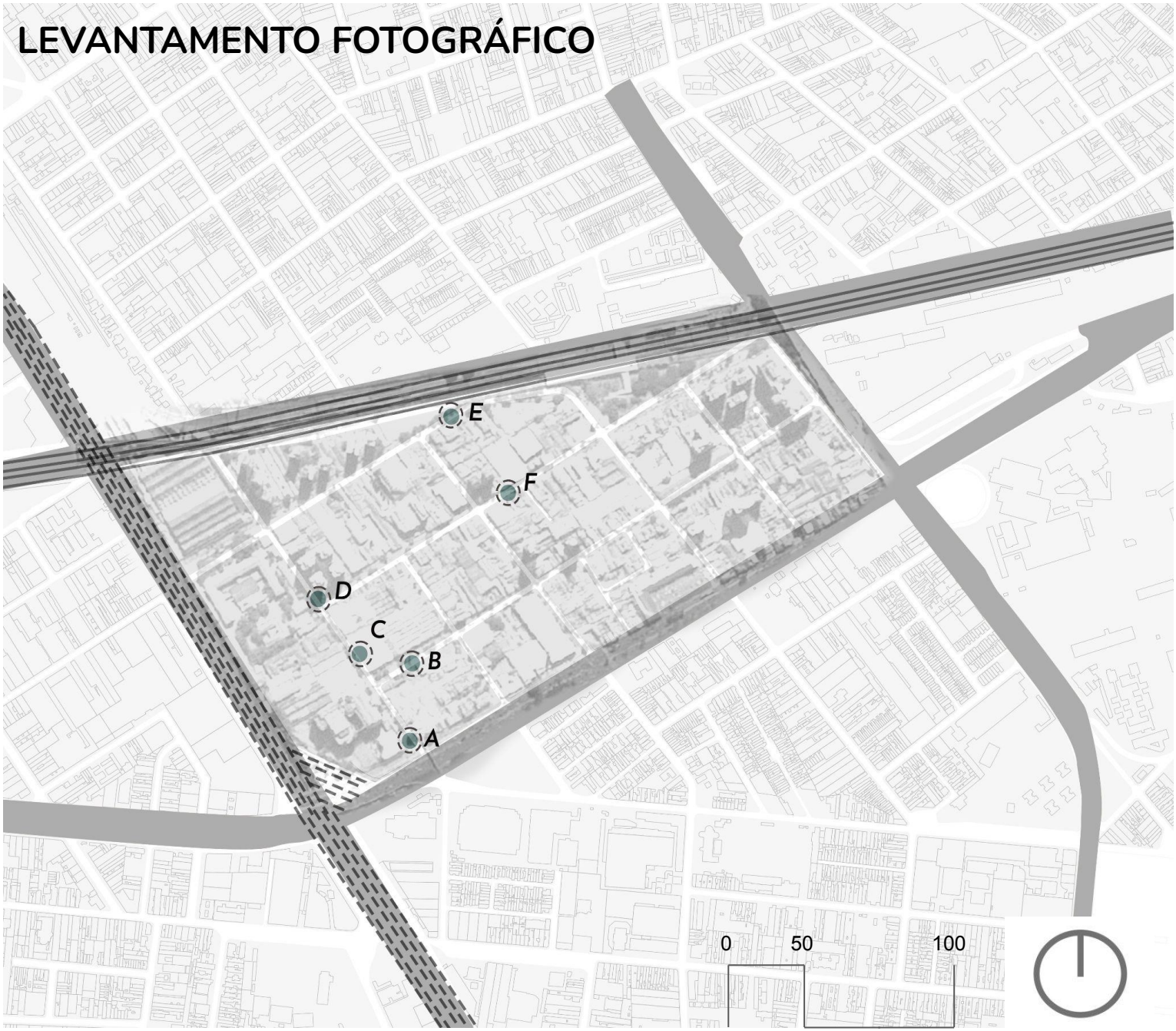
ÁRVORES

0 50 100

Arborização viária tem como objetivo, sombreamento , em geral, conforto e bem estar social das pessoas na rua,

No caso da área estudada, a vegetação tem um porte muito grande, as raízes se sobressaem nas calçadas, o que dificulta o deslocamento à pé na região, há pouca manutenção e em alguns casos, junto de postes de iluminação, ela pode projetar locais escuros e inseguros, que podem ser ameaça para as diversas formas de violência feminina.

LEVANTAMENTO FOTOGRÁFICO



A

Vegetação em trechos da rua Frei Gaspar, degrada as calçadas, dificultam o caminhar

B

Trechos nas ruas Dr. Almeida Lima e Frei Gaspar possuem a mesma problemática de insegurança quanto aos muros erguidos na cidade, e mesmo em horários diferentes, se classificam como um "deserto urbano"

C

Ponto central da rua Dr. Almeida Lima, apropriada por pessoas em situação de rua, que acabam por formar aglomerados masculinos

D

Apesar da fachada possuir materiais e elementos construtivos como estrutura exposta, pele de vidro e uma calçada com recuo, ainda assim não é tão inclusiva como uma fachada ativa seria

E

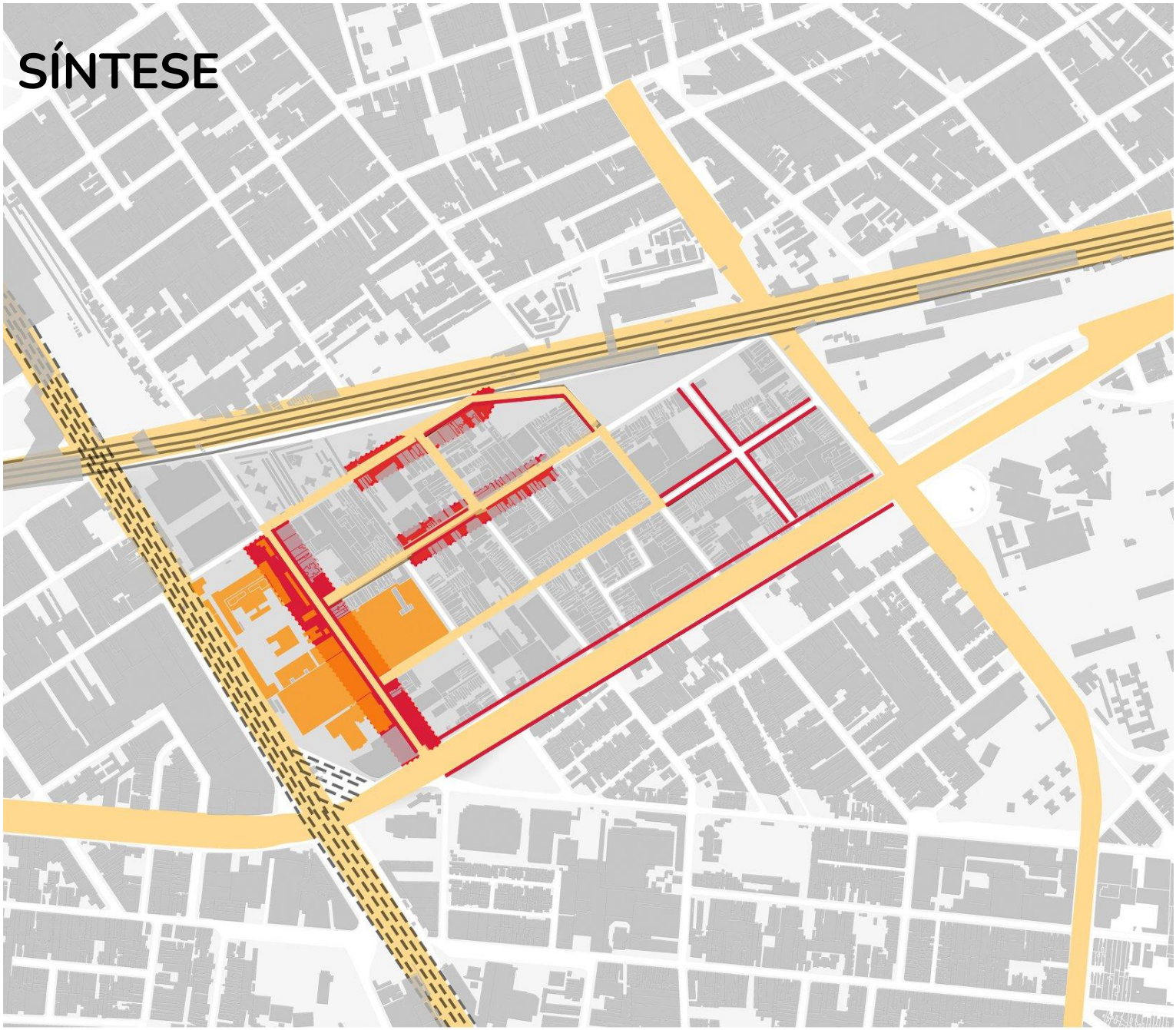
O dimensionamento das calçadas dificulta o deslocamento a pé, além do resíduo gerado pelas pessoas em situação de rua

F

Ponto central da Rua Ipanema onde no período da noite, a vegetação cobre a iluminação pública, pessoas majoritariamente do sexo masculino se aglomeram.

O levantamento fotográfico se fez necessário para o melhor entendimento das dificuldades de uma mulher dentro do território estudado. Já que a escala dos problemas é aproximada a escala da rua, fotos foram feitas a fim de identificar esses problemas pontuais na área de estudo. Conclui-se então que aglomerados de pessoas em situação de rua, que em grande parte são do gênero masculino, a relação entre arborização viária e iluminação pública, corredores formados por ruas vazias, falta de locais de permanência e falta de modais de deslocamento são pontos a serem tratados pela intervenção que será proposta.

SÍNTESE



FERROVIA

METRÔ

DESLOCAMENTO

VULNERABILIDADE FEMININA

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

0 50 100

4.3 Síntese

Com a sobreposição dos mapas e informações analisadas, as problemáticas levantadas podem ser agrupadas quanto a três categorias:

DESLOCAMENTO:

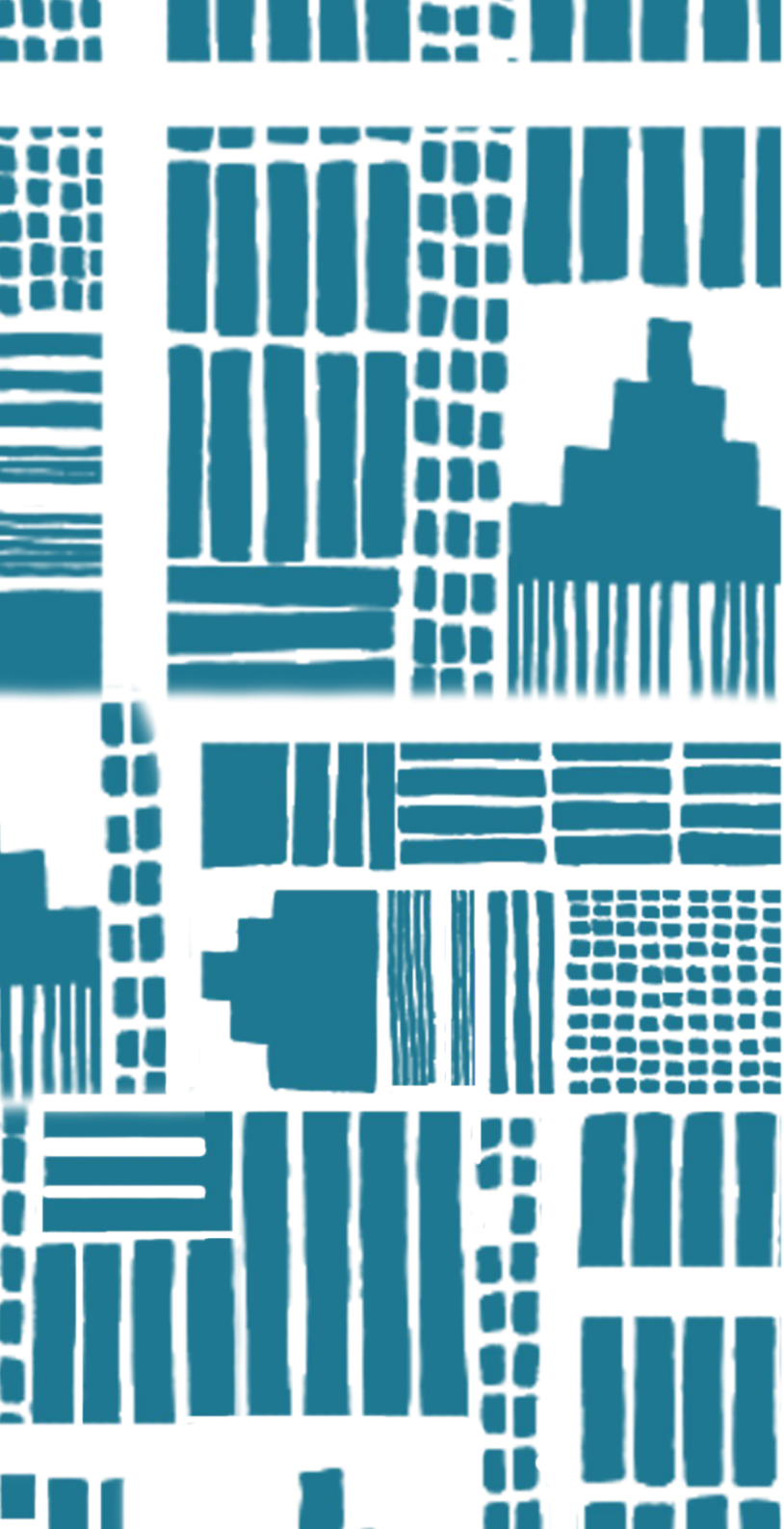
Limitação aos percursos feitos dentro do recorte; limitação quanto a caminhabilidade, por conta da qualidade das calçadas, falta de um sistema cicloviário e a presença das barreiras viárias(ferrovia, metrovia e rodovias)

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO:

Falta de espaços de permanência, rotatividade de atividades em horários diferentes, para promoção da sensação de maior segurança e falta da utilização dos equipamentos patrimoniais , entendimento deles como locais públicos.

VULNERABILIDADE FEMININA:

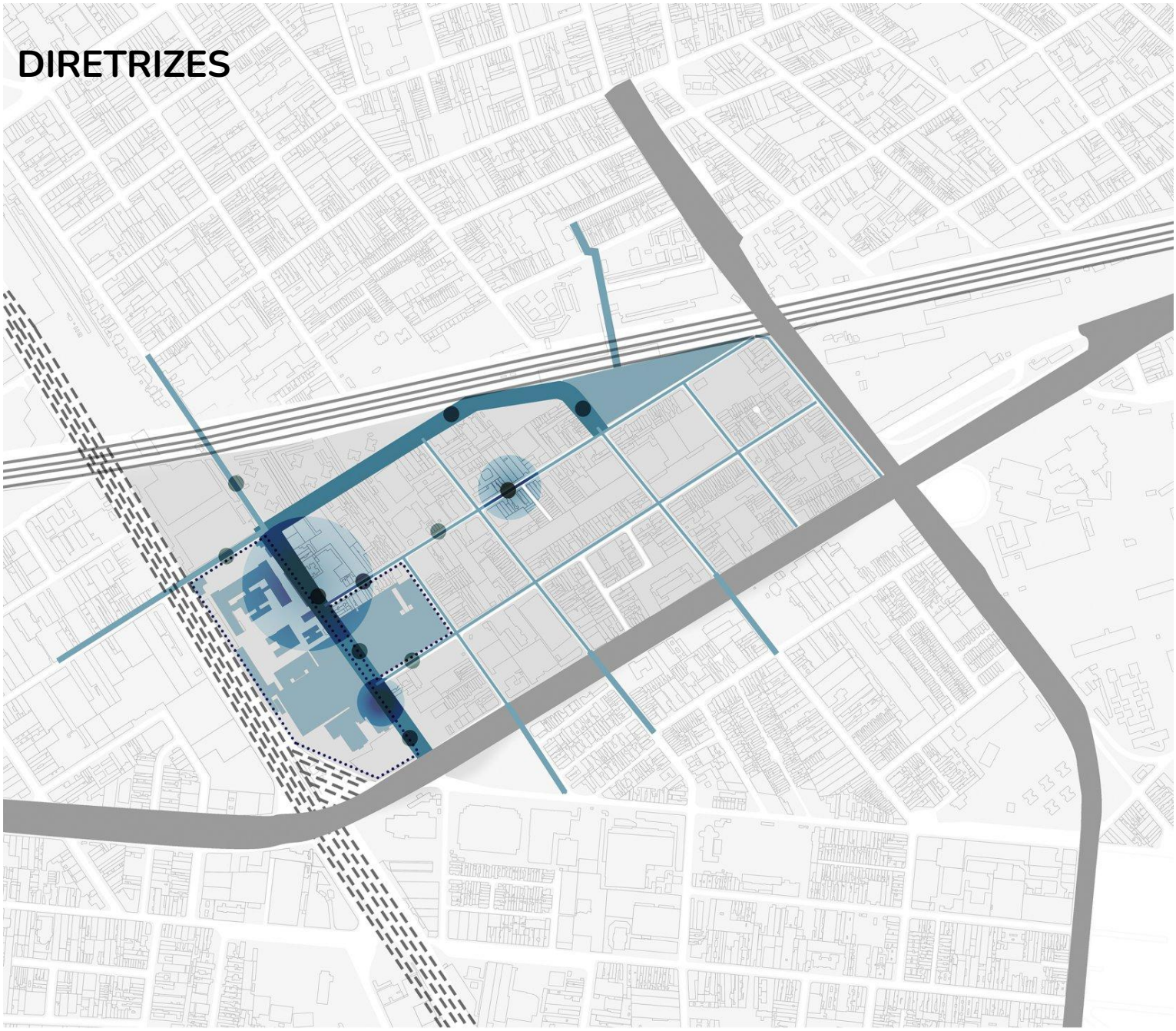
Iluminação precária, falta de manutenção não necessariamente a falta do equipamento; junto com a arborização viária, podem formar esconderijos para malfeitores, aglomerados de pessoas em situação de rua(a situação em si é um estado de vulnerabilidade) e desertos urbanos.



05

A RUA TAMBÉM É SUA

DIRETRIZES



FERROVIA
METRÔ
AÇÃO A
AÇÃO B
AÇÃO C
VIAS ARTERIAIS

0 50 100

diretrizes

Como elencado na síntese, as diretrizes passam pelas problemáticas a fim de ordenar uma solução para os pontos expostos no mapa.

Diante disso, as diretrizes se utilizam de três linhas de ações, focadas em melhorar a vivência das mulheres no território apresentado, para que uma vez que o local promova o bem estar feminino e garanta seu direito à cidade, por consequência garantirá isso a todos.

AÇÃO A:

Criação de um eixo de ligação entre a Rua Dr. Almeida Lima e a Rua Visconde de Parnaíba. A fim de garantir a inclusão e melhorar a caminhabilidade das mulheres no território, elas serão redesenhadas de acordo com diretrizes projetuais que enxergam a rua como um veículo para a apropriação do espaço público, utilizando princípios do urbanismo tático e traffic calming

AÇÃO B;

Atribuir funcionalidades às edificações patrimoniais, que sejam compatíveis às necessidades da população,

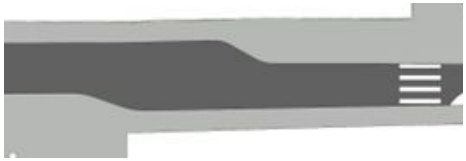
a fim de aproximar as pessoas do passado histórico e rico do bairro e atribuindo novos espaços e significados a essas edificações; promover a educação patrimonial através da apropriação correta do mesmo. Dessa forma, a proposta da Ação B é promover atividades de profissionalização e capacitação focadas nas pessoas em situação de rua que utilizam o albergue, presente no Museu do Imigrante.

AÇÃO C :

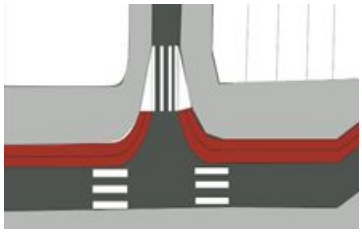
Essas intervenções pontuais serão feitas nos pontos levantados no mapa de levantamento fotográfico, mediante a necessidade de cada uma delas. A ação é pontual, podem ser lidas como microestratégias, que passam por ações como: ajuste do mobiliário urbano, da arborização viária, limpeza e iluminação pública.

diretrizes projetuais

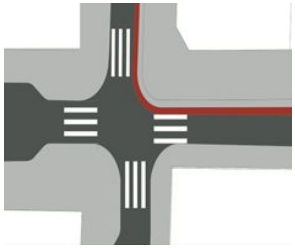
As diretrizes projetuais dessa proposta de intervenção, seguem estratégias fornecidas pela dissertação : *"Caminhar na cidade patriarcal - Um manual para cidades feministas, 2022"*, com relação aos parâmetros de **calçada** , **mobiliário** urbano(distanciamento e inserção) , **vegetação**(altura, porte e espécie), **iluminação** (altura, distância, modelo, luminária e lâmpada). Para o redesenho das ruas, as estratégias utilizadas foram do manual " *O desenho das cidades seguras, WRI, 2016*", que lista táticas a serem adotadas no desenho técnico da rua. São elas:



chicanas: o desvios artificiais criados para desacelerar o tráfego (WRI,2016)

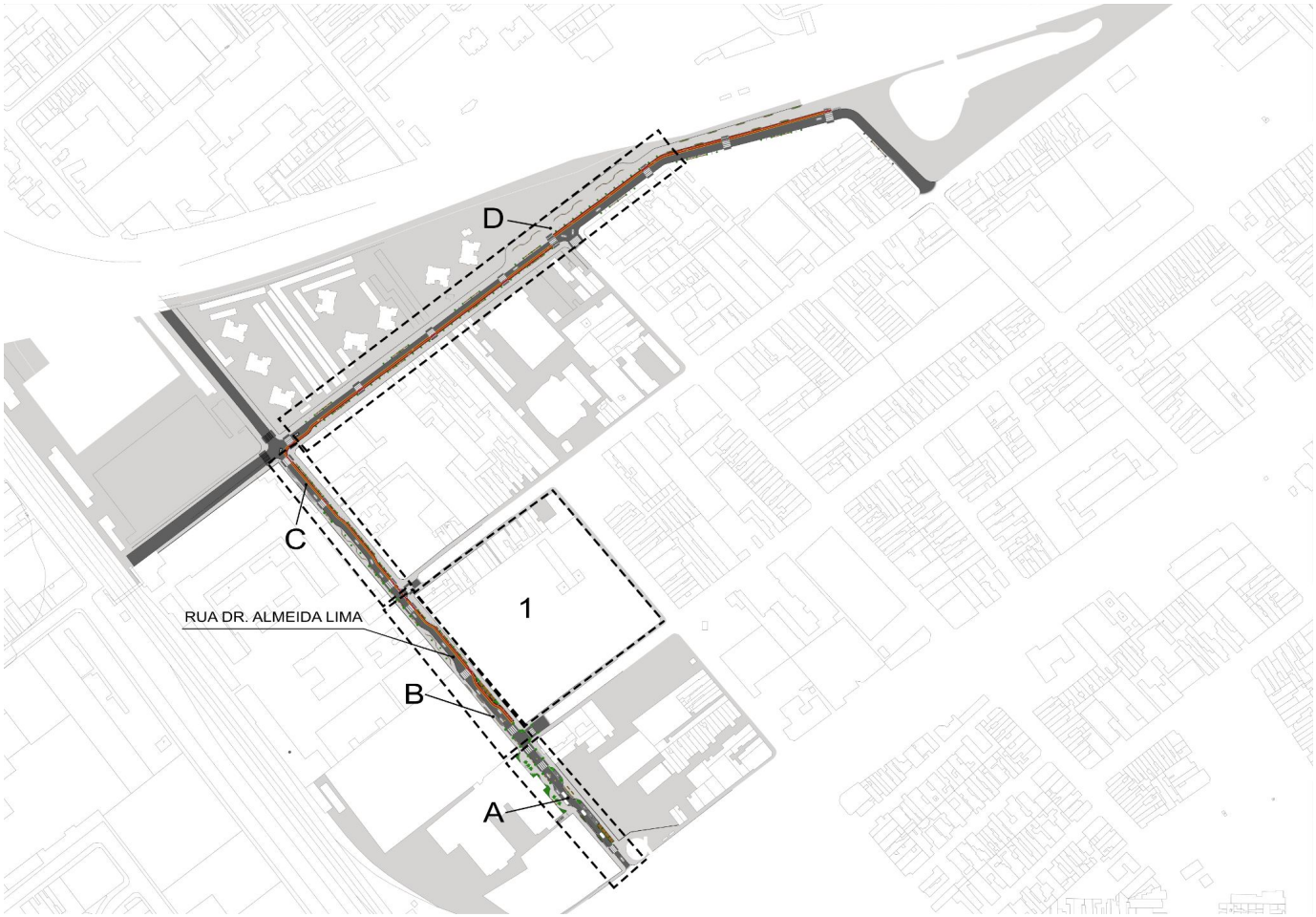


afunilamentos: reduzem a largura do leito viário, a velocidade veicular e a distância de travessia de pedestres.(WRI,2016)



extensão do meio fio: As extensões do meio-fio são extensões da calçada, geralmente em interseções, reduzindo a distância de travessia e melhorando a visibilidade dos pedestres(WRI,2016)

implantação



A - TRECHO A

B - TRECHO B

C - TRECHO C

D - TRECHO D

1 - CENTRO DE PROFISSIONALIZAÇÃO

0 50 100

requalificação viária

O eixo de ligação entre a Rua Dr. Almeida Lima e a Estação Bresser Mooca, tem o intuito de promover o deslocamento seguro e inclusivo das mulheres, Conectando três modais de mobilidade: caminhar a pé, bicicleta e metrô.

Para que isso se estabeleça da forma correta, é necessária a requalificação do viário. Sendo assim, o projeto se divide em **trechos: (A, B, C e D).**

TRECHO A:

Começo da Rua Dr. Almeida Lima, próximo a Universidade Anhembi Morumbi e do Teatro Gamaro. A ideia é redesenhar a rua para que haja um menor fluxo de carros, menor número de carros estacionados, melhorar a distribuição dos postes de iluminação e da vegetação, para que elas não sejam barreiras ao caminhar, criar áreas de convívio e permanência nas calçadas e atender a demanda dos alunos da universidade, dos comércios móveis (food trucks) com parklets e assim criar condições em que as mulheres não se sintam ameaçadas.

TRECHO B:

A localização desse trecho, tem como edificações lindeiras, o prédio não utilizado, pertencente a Universidade Anhembi Morumbi e o Albergue “Arsenal da Esperança”, localizado dentro do Museu da Imigração. A proposta é criar um centro de profissionalização, na edificação sem uso, para que junto ao Arsenal da Esperança, as pessoas em situação de rua consigam subsídios para uma melhor situação de vida. O mobiliário urbano em módulo, é utilizado para criar uma praça e centralidades de descanso e convívio. Além disso, a partir desse trecho se desenvolve a estrutura de ciclovia, para conexão com a estação de metrô.

TRECHO C:

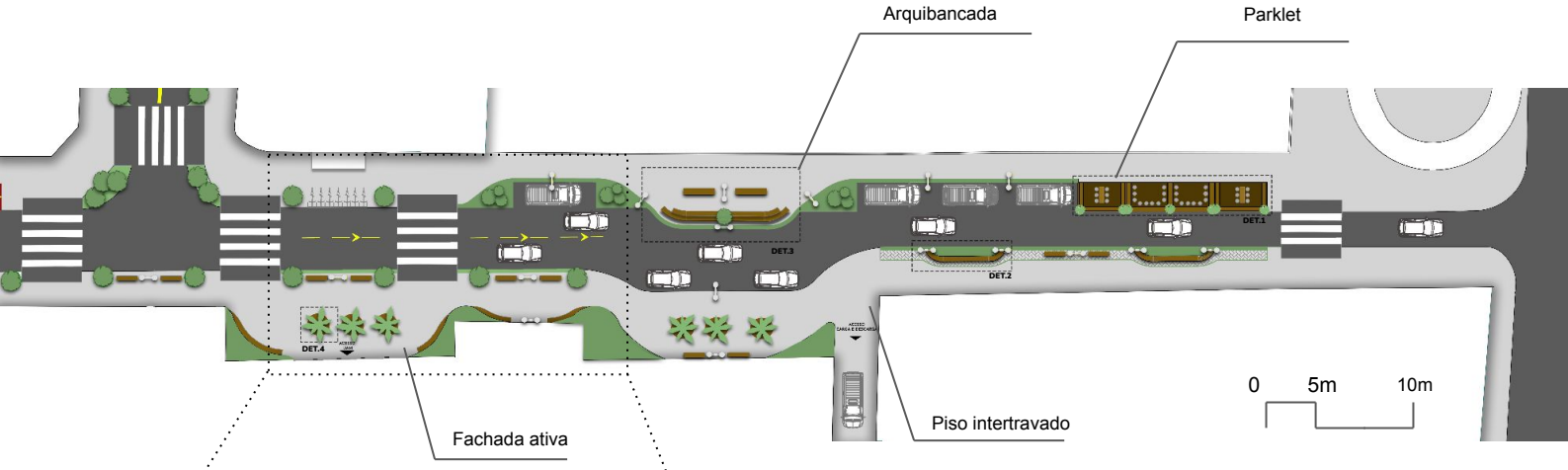
O trecho C tem o intuito de acabar com os vazios e desertos urbanos gerados pelos muros das edificações imediatas da rua. O desenho conta com alargamento das calçadas, criação de áreas centrais de convívio com o mobiliário modular e com a ordenação dos postes de iluminação e arborização .

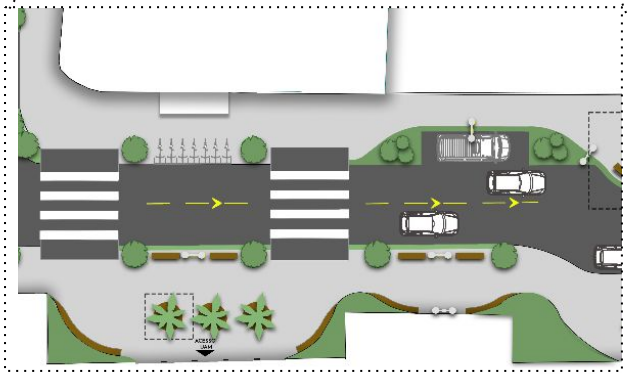
TRECHO D:

A rua que será requalificada nesse trecho é mais próxima a estação de metrô Bresser-Mooca, tem o nome de Visconde de Parnaíba. Diferente dos outros trechos da Rua Dr. Almeida Lima, o leito carroçável não pode ser tão estreito por conta da circulação dos ônibus e das entradas dos condomínios residenciais. O avanço das calçadas para a criação de espaços públicos de apropriação, não se faz tão presente por conta do caráter residencial da rua, sendo assim a solução foi criar uma área de centralidade próxima ao metrô, para que exista um fluxo considerável de pessoas em horários diferentes, principalmente durante o período noturno, onde a sensação de insegurança é mais presente.

trecho a

PLANTA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO A





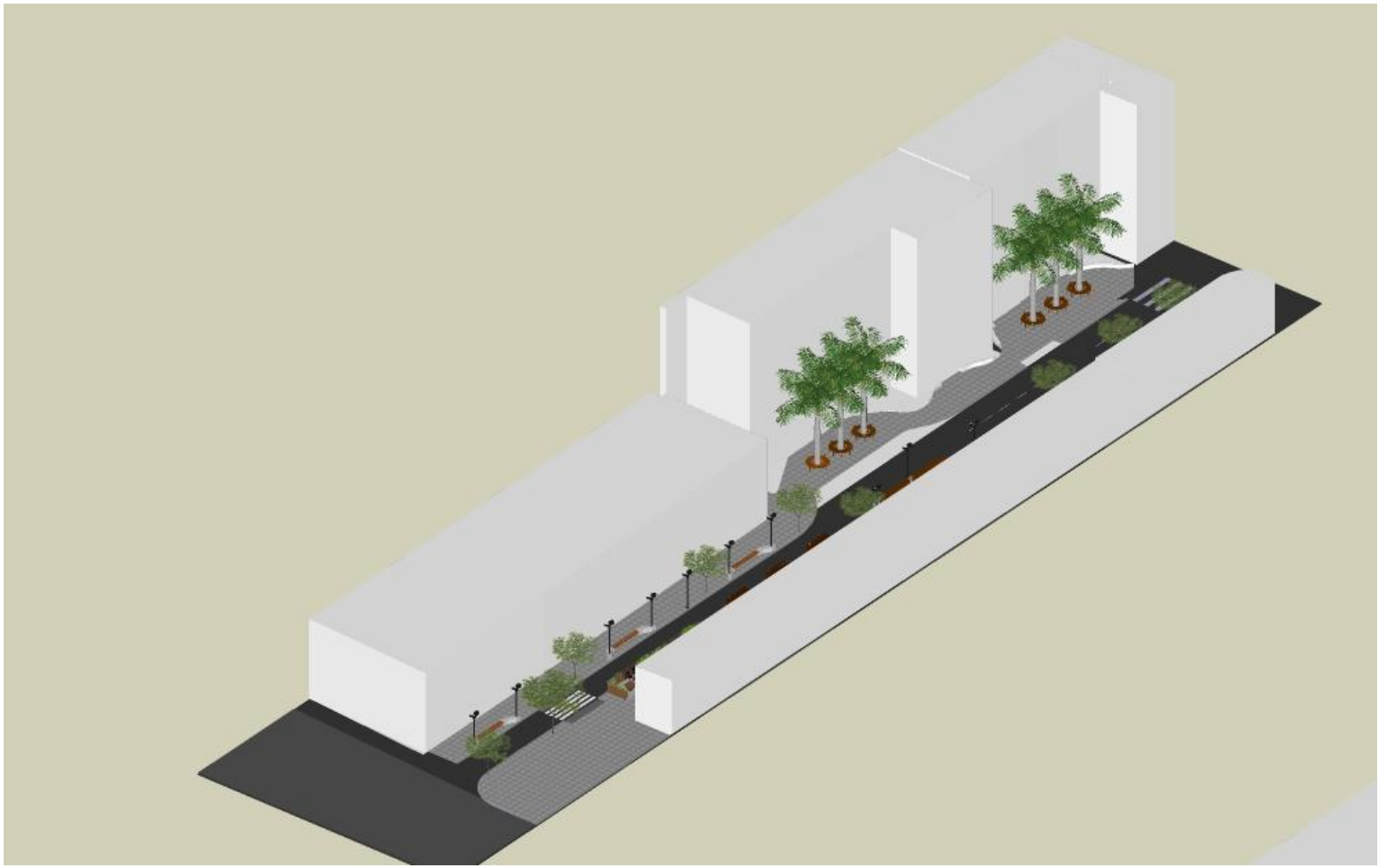
AMPLIAÇÃO

Nessa ampliação é possível ver o desenho condicionar o estacionamento, o afunilamento de parte do leito carroçável para diminuição do fluxo e velocidade dos carros.

DET.4 - MOBILIÁRIO

trecho a

PLANTA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO A



trecho a

PERSPECTIVA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO A

Perspectiva que mostra a relação do estacionamento dos food trucks com a rua redesenhada, a materialidade distinta da calçada (piso intertravado) e o leito carroçável,por estarem na mesmo nível e a ausência de fios e postes de eletricidade

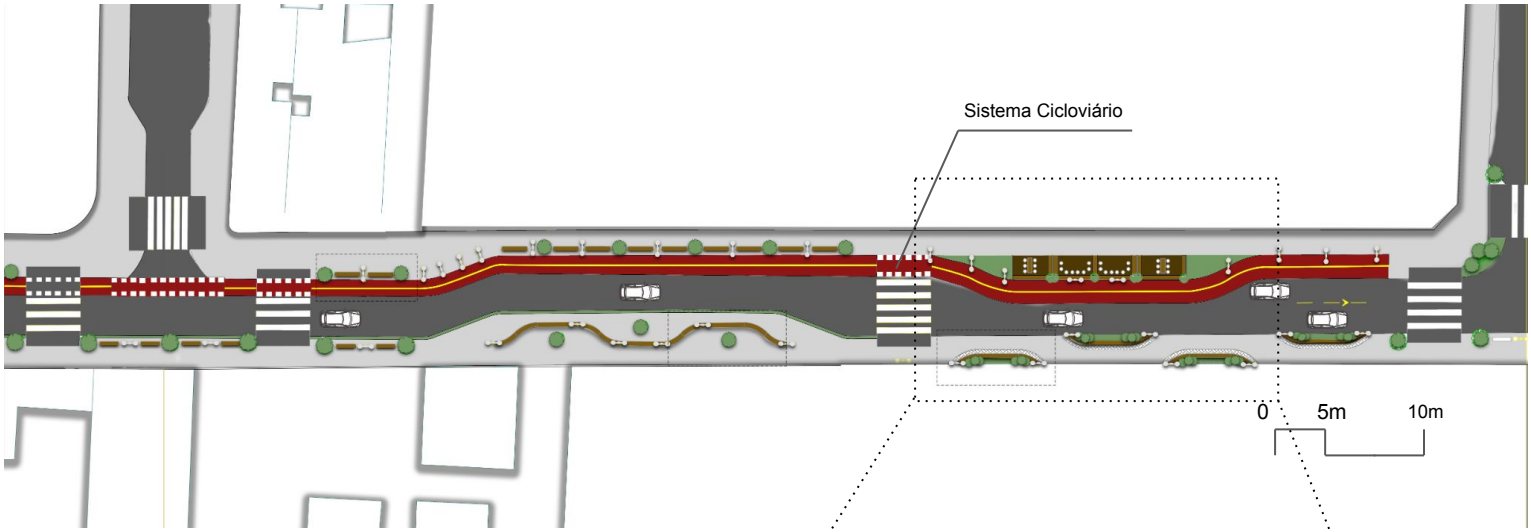
trecho a

PERSPECTIVA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO A

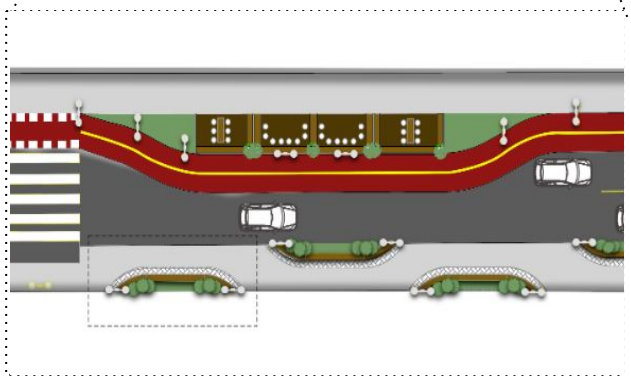
Parklet de alimentação, apoio ao estacionamento de food trucks

trecho b

PLANTA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO B



detalhes do mobiliário da ampliação ao lado



ampliação com parte da rede cicloviária, interação com parklet e os arcos de convivência

trecho b

PERSPECTIVA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO B

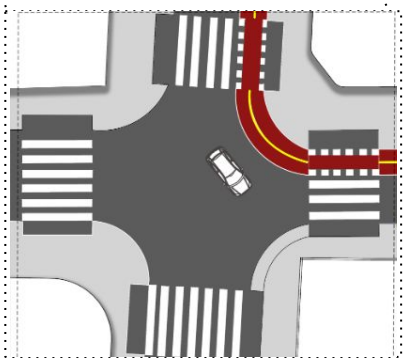
Os parklets presentes no projeto possuem caráter e funcionalidades diferentes. O do trecho B, tem função de descanso, convivência e leitura, com os nichos acoplados, já que estão em frente ao centro de profissionalização

trecho b

PERSPECTIVA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO B

trecho c

PLANTA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO C



O alargamento das esquinas foi utilizado com o intuito de diminuir a velocidade dos carros e ganhar espaços de calçada

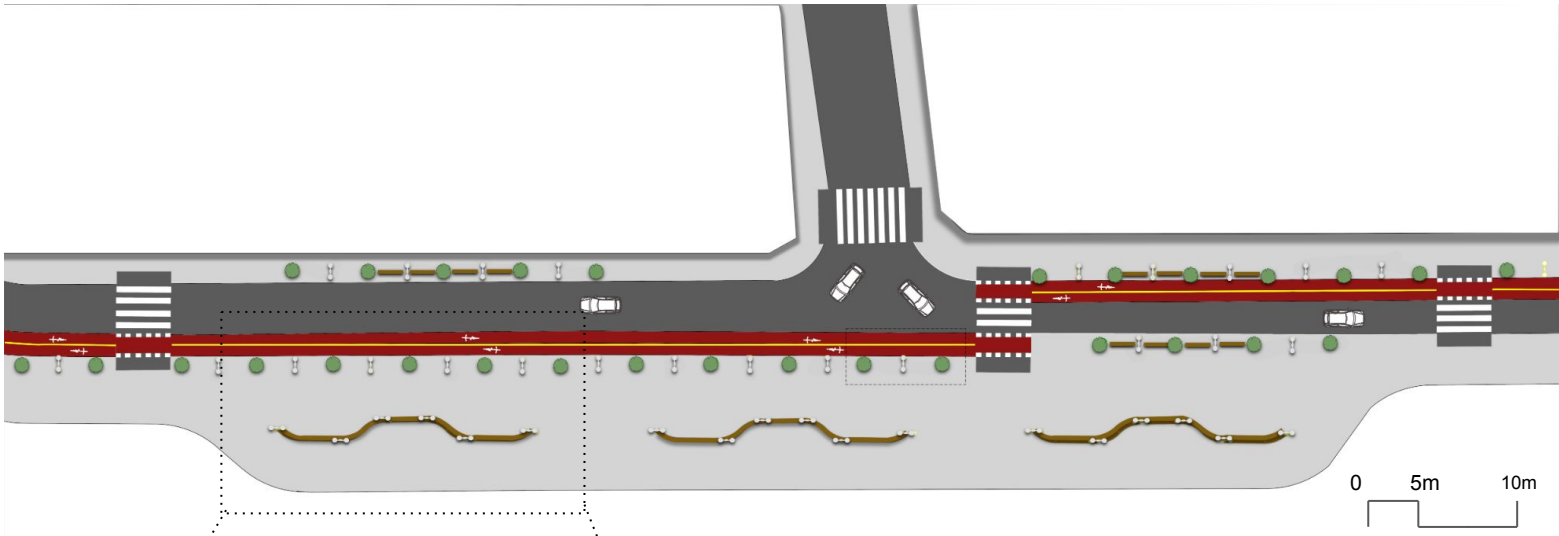
trecho c

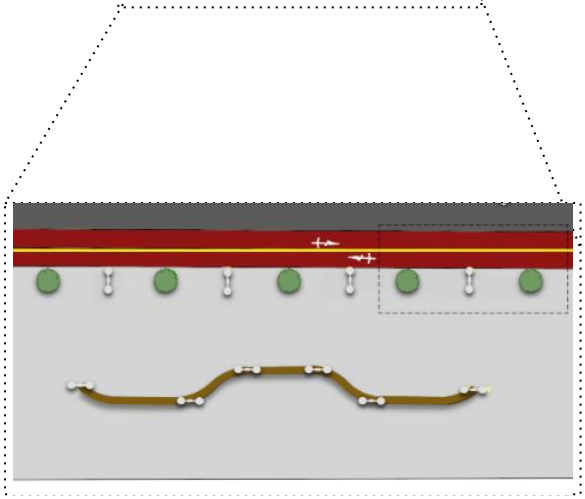
PERSPECTIVA RUA DR. ALMEIDA LIMA - TRECHO C

Perspectiva mostra que os vazios urbanos causados por grandes muros, podem ser revertidos com a criação de espaços de permanência

trecho d

PLANTA RUA VISCONDE DE PARNAÍBA - TRECHO D





O mobiliário modular, permitiu a criação de uma área central de convivência, próxima ao metrô, o que estimula a diversificação de usos e maior interação com os prédios residenciais de alto padrão, situados ao lado.

considerações finais

Analisar o território sob a perspectiva da mulher faz com que a solução projetual se torne naturalmente democrática, visto que é a mulher quem sofre os maiores impactos gerados pelo comportamento social imposto pelo sistema patriarcal. Entender as condições e traçar possíveis soluções através da arquitetura é acreditar no poder de transformação social do desenho. Mesmo que o efeito dessas mudanças sejam pontuais, é de extrema importância que discussões como essa sejam levantadas em um contexto acadêmico para que ele também seja pauta de conversas do lado de fora.

referências bibliográficas

NOGZI, C. A. **Sejamos Todos Feministas.** São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BEAUVOIR, S. D. **O segundo sexo:** Fatos e Mitos. Tradução: Sergio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, v. 1, 1970.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo:** Políticas Arrebatadoras. Tradução: Ana Luiza Libânio. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade:** Feminismos Plurais. 1 ed. São Paulo: Pólen, 2019.

GONZALES, L. **Por um feminismo afrolatinoamericano.** 1 ed. São Paulo: Zahar, 2020.

ALVES, Alê. Angela Davis: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela": Filósofa norte-americana exortou que o feminismo negro defenda punições alternativas à prisão. Professora defendeu que movimento no Brasil, incluindo o das domésticas, seja referência para EUA. *In:* Ediciones El País. **El País.** Salvador, 17 jul. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/27/politica/1501114503_610956.html. Acesso em: 11 abr. 2022.

SEBALHOS, C., FLORES, A e COELHO, D (2019). VIOLÊNCIA, GÊNERO E URBANISMO: Aspectos Da Dominação Masculina Na Organização Das Cidades. **Revista Pixo:** Mulheres e lugares urbanos I (Rio Grande do Sul), 84,86.

referências bibliográficas

NOVAS FERRADÁS, M. (2014). **Arquitectura y Género: una Reflexión Teórica**. Catelló: Universitat Jaume I.

GOMES FONSECA, K. (2018). **Mulheres Caminhantes!** Auditoria de Segurança de Gênero e Caminhabilidade Terminal Santana. São Paulo: SampaPé.

FELIPE WALTER. **Revista PLOT.** A infraestrutura como espaço coletivo. *[S.l.].* Grupo Kinexo, 2018. Disponível em: https://revistaplot.com.br/a-infraestrutura-como-espaco-coletivo/. Acesso em: 15 mai. 2022.

https://www.barcelona.cat/pla-superilla-barcelona/mapa/ca/#a_0__&ANDRÉS, Roberto. ENTREVISTA COM JANET SANZ. In: **PISEAGRAMA**. PISEAGRAMA. Belo Horizonte, 6 ago. 2017. Disponível em: https://piseagrama.org/entrevista-com-janet-sanz/. Acesso em: 25 mai. 2022.

Barcelona e seu exemplo de placemaking no “Superblock Poblenou”! *In:* VIA- Estação conhecimento. **VIA- Revista.** São Paulo, 14 jun. 2019. Disponível em: https://via.ufsc.br/revitalizacao-de-superquadra-em-barcelona/. Acesso em: 25 mai. 2022.

Supermanzana del Poblenou. In**: Ajuntament Barcelona**. barcelona.cat. Barcelona, Espanha, 12 set. 2017. Disponível em: https://ajuntament.barcelona.cat/superilles/es/content/poblenou#. Acesso em: 27 mai. 2022.